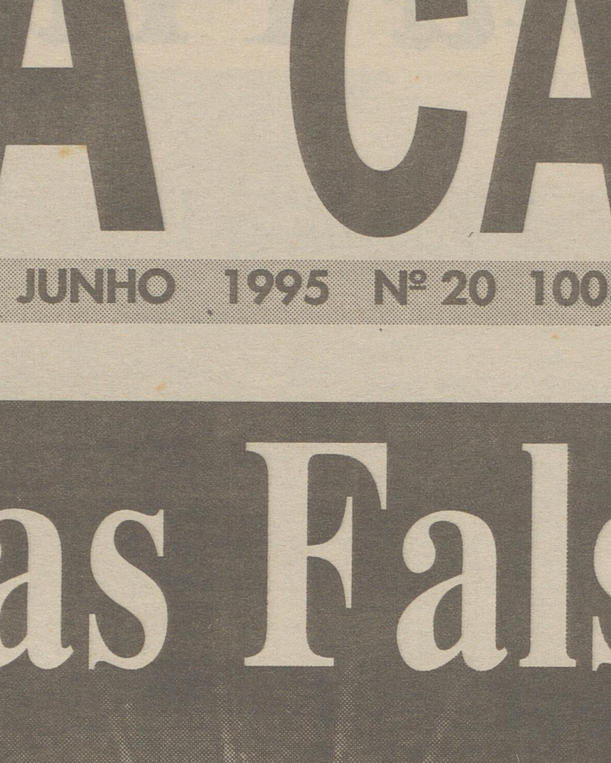
Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS — COIMBRA

MENSAL JUNHO 1995 Nº 20 100$00 DIRECTOR: TIAGO MARANHÃO

Notas Falsas



Dois alunos da Faculdade de Direito têm nos seus currículos notas diferentes das que tiveram nos exames. Um professor decidiu investigar como é que isto pôde acontecer e o caso já está a ser investigado pela Polícia Judiciária.
Em plena época de exames.

Grupo Ecológico: espécie em vias de extinção?

Revolução no Pólo I

A Universidade de Coimbra no séc. XXI

especial

acTUs

Encontros de Teatro Universitário

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

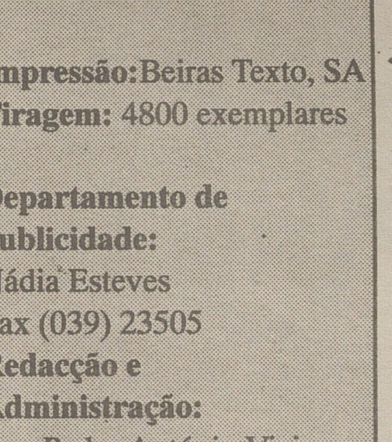
Ficha Técnica

Director:
Tiago Maranhão
Editores: Carlos Loureiro, João Baptista, Justino Strecht, João Queirós, Paulo Antunes
Redacção: Ana Drago, Ana Sousa, André de Brito Correia, Cecília Oliveira, Cibele Santos, Conceição Ribeiro, Joana Ribeiro, Miguel Oliveira, Nádia Esteves, Noémia Bravo, Paulo Barbosa, Paula Alves, Paulo Lavoura, Rita Simões, Rosário Salvado, Rui Mendes, Steven Casteleiro
Colaboradores: (textos) Carlos Barradas, Diana Silva Dias, João Sousa, Nuno Brandão; (fotografia) Sara Velez, Sónia Pinela, Susana Paiva

Fotografia: Paulo Antunes, Carlos Loureiro, Ana Sousa,
Revisão: André Correia, Rosário Salvado
Concepção Gráfica e Paginação: Carlos Loureiro, Ricardo Matos

Impressão: Beiras Texto, SA
Tiragem: 4800 exemplares

Departamento de publicidade:
Nádia Esteves
Fax (039) 23505
Redacção e Administração:
Rua Padre António Vieira
3000 COIMBRA
Produção: Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Propriedade: Associação Académica de Coimbra
Agradecimentos: Reitoria da Universidade de Coimbra, DG/AAC, SASUC, CEF



Direito à Fraude

A Polícia Judiciária está a investigar uma fraude na Faculdade de Direito. Em causa está o aparecimento de notas falsas nos elementos de registo dos Serviços Administrativos de dois estudantes desta faculdade, que para tal contaram com a cumplicidade de um funcionário. A Cabra adianta–se e conta–lhe a história possível sobre este caso.



Carlos Loureiro

Fraudes detectadas numa das mais prestigiadas faculdades de Direito do país

Obra do acaso, tudo começou numa corriqueira conversa de corredor. Um funcionário comentou com um docente do 1º ano o facto de um certo aluno já estar no terceiro ano sem ter feito a sua cadeira. Desconfiado, pois já tinha avaliado o aluno por mais de duas vezes e não lhe parecia que ele estivesse apto a estar tão adiantado no curso, esse assistente decidiu ir investigar o seu currículo e os seus exames. Reparou, com certa estranheza, que todas as notas deste aluno tinham sido lançadas por funcionários e nenhuma por docentes. Além disso, faltavam os exames de algumas cadeiras a que este já tinha obtido aprovação.

Também o outro caso, que concerne a um aluno que presentemente frequenta o 2º ano, foi descoberto por puro acaso: este estudante tinha no ano anterior ido implorar a um assistente de uma cadeira onde tinha sido reprovado que lhe permitisse pelo menos ir à prova oral, pois de outro modo reprovaria o ano. Em Direito, não se pode passar de ano com mais de duas cadeiras atrasadas. Como no 1º ano apenas há quatro, isto quer dizer que o aluno tinha sido aprovado apenas a uma e procurava agora passar a uma segunda. O assistente disse–lhe, como seria de esperar, que não lhe podia mudar a nota e o caso passou de boca em boca, como é comum naquela faculdade. Por isso, este ano, houve quem estranhasse que o aluno se apresentasse como sendo do 2º ano. Pelo menos era o que constava das pautas, onde antes do número de estudante está sempre a indicação do ano que o aluno frequenta. E enquanto o assistente consultava os ficheiros do seu suspeito inicial, um funcionário chamou–lhe indirectamente a atenção para este novo caso. Alertado, decidiu inspeccionar o currículo deste aluno e chegou à conclusão que ele tinha aí lançado um "10" a Direito Constitucional, quando, afinal tivera 5 valores no exame.

Após nova verificação destas fraudes, aquele assistente, em conjunto com um assistente de Direito Constitucional, elaborou um memorando a denunciar a situação que enviou para o presidente do Conselho Directivo, Doutor Orlando de Carvalho. Este, com a máxima diligência, pôs a Polícia Judiciária a investigar o caso. A PJ -que se recusa a prestar declarações à imprensa alegando segredo de justiça- rapidamente fez uma inspecção aos serviços administrativos da faculdade, vulgo "Bedel", e já chamou a depôr os implicados no caso, estando agora a ouvir outros testemunhos.

O "modus operandi"

Ao Bedel chegam as folhas originais com os nomes e as notas de cada aluno. À frente do nome, vem ou um R, que quer dizer "reprovado" (por vezes um "ex" que significa excluído), um D, que assinala a desistência do aluno, um F (inscrito a vermelho), que indica que este faltou ou então aparece em numerais a classificação que este obteve. Esses originais de algum tempo a esta parte não são afixados, sendo antes expostas fotocópias deles tiradas. Ora, dentro do Bedel, havia um funcionário que tirava fotocópias dessas mesmas folhas. E se se for tirando fotocópias dessas fotocópias chega–se a um ponto onde é fácil mudar os caracteres. Assim o que aconteceu, pelo menos no caso de Constitucional, foi que onde o aluno–suspeito nº 2 tinha um "ex.", este foi apagado e apareceu um dez. Não um dez qualquer, mas uma excelente imitação de um "10" escrito pelo assistente que lançara as notas na pauta, tão boa que o próprio teve dúvidas se aquela seria a sua grafia ou não. Para além dos artesanais papéis, as notas também constam num dos computadores do bedel. E também aqui as notas falsificadas estavam presentes, o que demonstra que a falsificação foi bem pensada e sobretudo estava perfeitamente ocultada. Podemos ainda adiantar, que o aluno-suspeito nº1 , tinha um 10 na pauta a Economia Política , quando na realidade havia reprovado no exame aquela cadeira (o R havia sido rasurado). Além disso, tinha no curriculo e nos verbetes como feitas as cadeiras de Teoria Geral do Direito Civil e Direito Administrativo (com 10 valores), quando estas não constavam sequer das pautas, nem o aluno havia realizado os exames.

Pode haver mais?

E se as falsificações foram tão bem executadas, a questão que se põe é exactamente sobre se não haverá mais por descobrir. E nada nos garante que não haja. Bem pelo contrário. Fontes no Bedel garantem–nos que é manifestamente impossível, no meio de tantos papéis e principalmente porque o processo de informatização dos serviços ainda está na fase de arranque, descobrir se há mais casos ou não. Aliás, convém lembrar que estes dois casos apenas foram descobertos por obra da fortuna, por causa de uma banal conversa de corredor e por causa da história do pedido do segundo aluno ter corrido, na forma de boato, a faculdade. Até agora, poucos foram os professores que, como o assistente por nós contactado, se deram ao trabalho de investigar os ficheiros das suas cadeiras para garantir que não tenha havido falcatruas. Apenas temos a convicção de um membro do Bedel que é pouco provável que este ano se tenha passado alguma coisa, pois quando as notas das frequências começaram a sair já o caso era conhecido do público.

Os culpados

O Bedel era constituído por cinco funcionários à altura dos acontecimentos, já que um deles, entretanto, pediu a reforma. Qualquer um deles tinha acesso à fotocopiadora, todos mexem nos ficheiros e currículos dos alunos. Tecnicamente, todos poderiam também usar o computador, apesar de apenas dois deles o fazerem regularmente. Segundo fontes, é pouco provável que tenha havido mais de um funcionário a falsificar os referidos documentos e não há dúvidas de que tanto a PJ como a maioria dos funcionários e docentes da faculdade já o identificaram, apesar de estar a ser complicado incriminá–lo materialmente, ou seja, obter provas concretas. Terá que se esperar pelo final do inquérito, já que a PJ, como se disse, se recusa a prestar declarações ao abrigo do segredo de justiça. Por ora, conta–se que, ao saber que as principais suspeitas recaíam sobre ele, o funcionário em causa terá ameaçado dar dois tiros ao seu delator, caso viesse a descobrir quem ele era. Há a assinalar que este funcionário já foi alvo de um processo disciplinar por conduta violenta num emprego antigo... Sabe–se também que abordou o presidente do Conselho Directivo em sua casa, queixando–se que o estavam "a apertar". A resposta do reputado civilista terá sido "não se tivesse metido em apertos".

Da parte dos alunos envolvidos, é sabido que um frequenta o terceiro ano e outro o segundo. Ambos apresentam sinais exteriores de riqueza, sendo que o primeiro é já de idade avançada e é também director de um conhecido colégio lisboeta. Por coincidência, acrescente-se que o segundo aluno veio desse mesmo colégio com notas altíssimas...

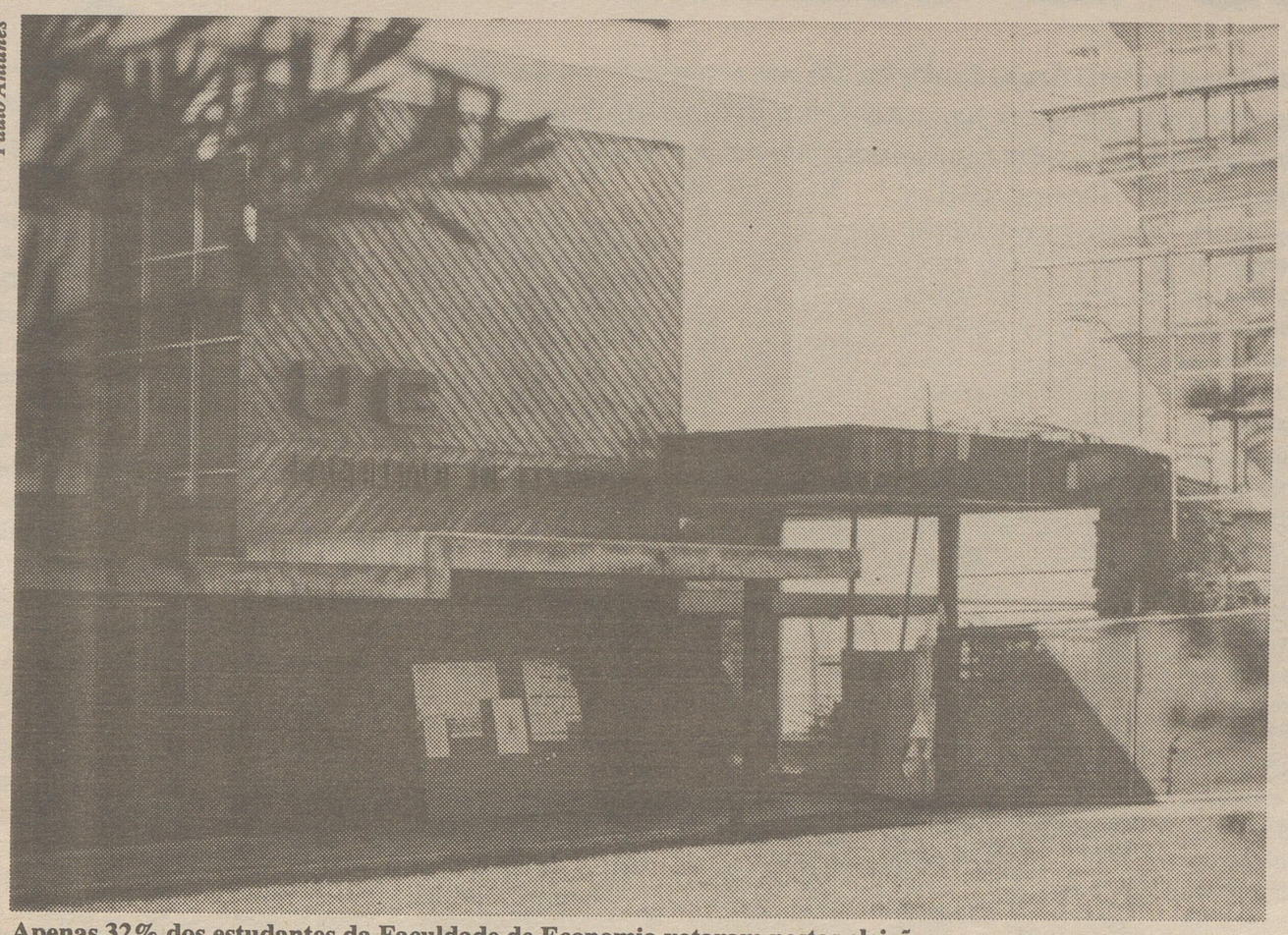
JLQ / R.M.

ELEIÇÕES NA FACULDADE DE ECONOMIA

Quando a abstenção é a maioria

No passado dia 1 de Junho decorreram as eleições para 4 lugares no Conselho Pedagógico e 30 lugares para a Assembleia de Representantes da FEUC. Das quatro listas candidatas - E, M, U e X - as grandes vencedoras foram as listas M e U.

Paulo Antunes



Apenas 32% dos estudantes da Faculdade de Economia votaram nestas eleições

O único lugar no Conselho Pedagógico do curso de Sociologia foi ocupado pela lista M e os dois lugares do curso de Economia foram distribuídos pela lista M e U. À lista X, tal como se previa, coube o lugar do curso de Gestão, por intermédio de Miguel Castanheira. Para a Assembleia de Representantes as listas M e U ficaram com 8 lugares cada cabendo 7 às listas E e X.

Para além da fraca adesão dos estudantes (apenas votaram 32%), é de notar o facto destas eleições não trazerem grandes alterações nos lugares ocupados pelos estudantes.

A lista U, com alguns dos seus candidatos saídos de uma antiga lista, a I, parece granjear de uma grande fidelidade dos seus eleitores, ao contrário das suas adversárias onde alguns dos candidatos nem chegaram a votar!

A lista X, com um projecto que apostava no curso de Sociologia, não teve a receptividade esperada.

A lista E concorrendo sob o lema: " Há sempre alguém que resiste, Há sempre alguém que diz não"; teve a ideia de realizar um inquérito aos diferentes cursos, cujas conclusões deveriam ser analisadas, nomeadamente as que dizem respeito à permanência do funcionamento da cantina do ISCA para além deste ano lectivo, à necessidade de uma maior informação do trabalho dos orgãos de gestão e à vontade nitidamente favorável pela reposição da época de Maio (vontade essa que a lista U minimiza, uma vez que não vê qualquer vantagem na realização de um referendo).

Quanto à Lista M, "Pela Mudança!", apostaram na necessidade de comunicação e diálogo entre professores e estudantes. Propunham também a afixação de um prazo máximo para a saída das notas (que nesta faculdade se pode prolongar mais do que um mês).

A lista U manifestou–se contra a provável sobrelotação que o curso de Relações Internacionais poderá trazer, propondo a transformação das velhas instalações do ISCA.em novas para a FEUC.

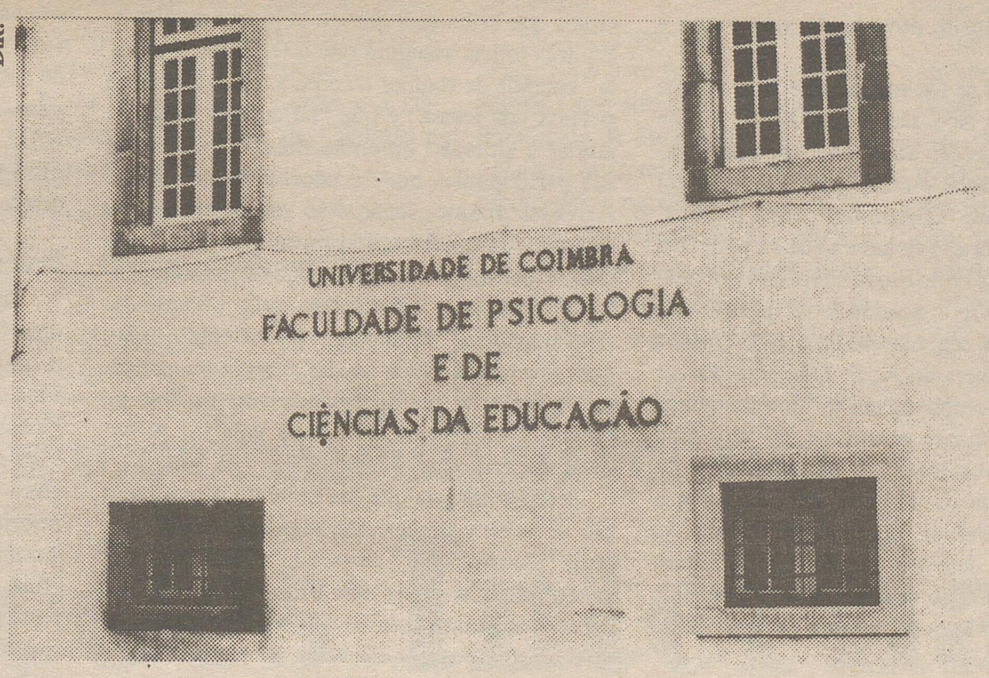
"Somos mais que uma letra", foi o que a lista X quis transmitir, construir um projecto dirigido para os estudantes e construído por eles. Infelizmente parece que os estudantes não estão interessados nisso. Se não como se explica que se ouça: "não sabia que houve eleições na 5ª feira. Eleições para quê?"

Ana Sousa
Joana Ribeiro

NEPCE/AAC com nova Direcção

No dia 25 de Maio decorreu na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação o acto eleitoral para a direcção do Núcleo de Estudantes de Psicologia e Ciências da Educação, ou simplesmente, NEPCE/AAC. Apesar de ter nascido apenas há 8 anos, a dinâmica que possui tem vindo a crescer.

D.R.



Uma única lista concorreu às eleições para o NEPCE/AAC

No início era somente NEP/AAC (Núcleo de Estudantes de Psicologia), depois criou–se na Faculdade de Psicologia, a licenciatura em Ciências da Educação, e, passou a designar–se de NEPCE/AAC.

Ainda enquanto NEP/AAC, a Faculdade concedeu–lhe um espaço físico e foi feito um protocolo com a Direcção Geral/AAC -no qual se estabelecia que a direcção do NEP/AAC seria constituída por dez pessoas eleitas por sufrágio universal dentro da Faculdade e o mandato seria de um ano. Este protocolo inicial foi, em alguns aspectos, renegociado em 1994, mantendo, no entanto, o NEPCE/AAC na dependência directa da DG/AAC e os referidos dez elementos no corpo directivo do Núcleo.

De então para cá, o NEP/AAC passou a representar os estudantes de Psicologia dentro da Faculdade, na ANEP (Associação Nacional de Estudantes de Psicologia), e na FEAEP (Federação Europeia das Associações de Estudantes de Psicologia).

O principal factor que levou à criação do NEP/AAC foi a necessidade que havia (e continua a haver) de minorar a distância física existente entre a Faculdade de Psicologia e a DG/AAC.

Da história do NEP/AAC faz parte a organização do 2º ENEP (1989) e 6º ENEP (1991) -Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia; a organização deste é rotativa pelas cinco faculdades que fazem parte da ANEP.

Actualmente, é possível afirmar–se sem rodeios que "o NEPCE/AAC é a pedra angular de toda a vida cultural, pedagógica e recreativa da FPCE. "A comprovar esta afirmação de Paulo Leocádio - presidente da direcção que agora finda o mandato- , recordemos o sucesso que tiveram os eventos "Arte: encontro em Psicologia", "Encontro de Gerações", "Psicologia: que presente? que futuro?", e, "Venham ver a Psicologia", embora este último tivesse sido realizado no mandato de '93/'94, é de acentuar que todos eles contaram com grande aceitação por parte do público estudantil.

A dinâmica do Núcleo é visível tanto a nível de organização de colóquios, conferências, workshops (com importância e enriquecimento na vida da FPCEUC e daqueles que participam nestes eventos); não se ficando por aqui, o NEPCE/AAC presta serviços aos estudantes (e, foi com o dinheiro obtido pela prestação desses serviços que o Núcleo atingiu uma certa autonomia financeira -permitindo–lhe a realização de eventos como os acima referidos), nomeadamente: serviço de cópias, de mini–bar, mini–biblioteca, e, conta ainda com uma sala de convívio com jogos diversos. Para já não falar da importância das inter–relações que o Núcleo fomenta entre alunos, professores e funcionários.

O NEPCE/AAC é, desde a sua origem, protagonista de múltiplas e variadas acções: destacando–se, no início de cada ano lectivo, uma sessão de esclarecimento aos caloiros, na qual lhes é dado a conhecer a Associação Académica, as diversas secções que a integram e a própria Faculdade; o NEPCE/AAC também não esquece as causas que dizem respeito a todos os estudantes da Universidade de Coimbra. Um exemplo disso mesmo foi o elevado número de estudantes desta Faculdade que participaram nas manifestações anti–propinas até agora realizadas. Através destes exemplos pode facilmente concluir–se que o NEPCE/AAC funciona como uma proveitosa ponte de ligação entre a DG/AAC e os alunos da FPCE.

Embora a FPCE possua um universo de 900 alunos, existe uma afinidade muito grande no que respeita aos objectivos comuns; constata–se este facto através do resumido historial do NEPCE/AAC acima apresentado, e, também porque nas eleições do dia 25 só existiu uma lista concorrente -encabeçada por Alcino Silva. Sendo esta uma lista de continuidade, irão concluir–se projectos anteriores e aparecerão outros que convirjam na mesma "ideia–motriz": atender da melhor forma as necessidades dos estudantes da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Ervas Daninhas

A Direcção–Geral da AAC está zangada com o Grupo Ecológico. Diz não reconhecer a actual direcção do GE e já criou uma Comissão Administrativa, que encarregou de abrir caminho à formação de um novo grupo ecologista para a Academia. Um caso que conta já com um passado polémico e que ameaça agora transformar–se numa longa novela. Uma história com episódios sobre regulamentos internos das secções, discriminação entre sócios e a suspensão ilegal de um colaborador.

SE SÓ AGORA estalou a guerra entre o Grupo Ecológico e a Direcção–Geral, a história já tem alguns meses de vida. Dezasseis de Março, foi o "dia D" em que Tiago Magalhães, ainda como Presidente da AAC, deu o murro na mesa e declarou, em plena reunião do Conselho Cultural, "não reconhecer os actuais elementos como representantes do GE". Foi o culminar de uma longa conversa de surdos, a que não faltam pormenores confusos, reuniões marcadas e muitas, muitas cartas com o GE como destinatário. É também o despolotar de uma "operação de renovação" da secção ecologista por parte da DG, mas isso é chão que ainda não deu uvas. Além disso, o GE arregaçou as mangas e resolveu responder à letra. Nos dias que se seguiram à "famosa" declaração, inundou a Academia de comunicados e relatórios vários, onde deixa clara a sua versão dos acontecimentos e recusa–se agora a reconhecer a legitimidade do recém–criado Conselho Administrativo, o orgão que deveria orientar a reestruturação da secção "verde". E ainda teve tempo para levar avante a Semana da Primavera.



D.R.

Emanuel Vieira

Cartas e Reuniões

Tudo começou em Novembro de '94, quando a antiga DG enviou um inquérito às secções da casa, em que solicitava regulamento interno, relação de sócios e composição dos corpos gerentes. Segundo Tiago Magalhães, o GE nunca respondeu ao inquérito. O ex–Presidente da AAC faz então a primeira tentativa de reunir com os elementos do GE, para esclarecer a situação. Mas o GE volta a não dar sinal de vida.

É então que surge um dado novo. Chama–se João Vaz e vai assumir uma importância crucial no desenrolar dos acontecimentos que se seguiram. Em Janeiro, dá entrada no Conselho Fiscal da AAC uma queixa deste colaborador do GE, que protesta contra os "moldes de funcionamento" da secção. Tiago Magalhães tenta outra reunião com os activistas do GE, mas a iniciativa volta a falhar. Felizmente, nem todas as conversas desta Academia têm o carimbo formal de reunião, e o encontro entre o GE e a DG acaba por se realizar. Os elementos "verdes" garantem ao Presidente que "estão a tratar do caso" e que as informações pedidas serão entregues, em breve. Mas a paciência da DG está a chegar ao fim, e a carta que se segue exprime "espanto e indignação" pela falta de notícias dos ecologistas. Estas já famosas informações só virão a ser entregues a 17 de Março, isto é, no dia seguinte à ruptura com a DG.

O sócio que não era bem vindo

Surge uma segunda queixa no Conselho Fiscal. Desta vez João Vaz denuncia restrições à passagem a sócio na secção "verde". Tudo porque a 15 de Março, em Assembleia Geral de Activistas, orgão máximo do GE, foi votada a sua suspensão como sócio colaborador.

É a partir deste ponto que a história deixa de bater certo. A versão do GE baseia–se em dois pontos. João Vaz não estava de acordo com os "princípios que regulam o funcionamento" do GE e como tal, pretendia "assumir o poder e alterar as regras". Em segundo lugar, este colaborador estava a boicotar a actividade da secção. As acusações são muitas e constam num documento que dá pelo nome de "Relatório João Vaz". A história contada pelos "verdes", tintim por tintim. Desde a desmobilização de uma manifestação em frente à CMC, à usurpação de funções ao assumir, em exclusivo, a utilização dos serviços gratuitos que a AAC faculta. E isto só para abrir o apetite, porque a gravidade das acusações atinge o seu máximo quando testemunham que João Vaz tentou ganhar dinheiro em proveito próprio, através de uma visita à Serra do Açor.

João Vaz não se faz rogado e refuta todas as acusações, taco a taco. Diz que só apartir da sua entrada é que a secção abandona um prolongado estado de inércia, e começa a trabalhar. Foi ele a avançar com "O Abrolho", uma publicação do GE, que já não deitava nada cá para fora desde os idos de '88. Ficou responsável pelo acesso aos "serviços académicos" porque até então ninguém o negociara com a DG. Quanto ao episódio da Serra do Açor, João Vaz diz ser este um "bom exemplo da má fé" dos elementos do GE. A história não passou de um problema de falta de "conhecimentos" nos meandros do mundo ecologista. O dinheiro foi devolvido a todos os participantes, ponto final. Quanto às actividades que desenvolveu no GE, assegura que teve colaboração dos "históricos" do GE, que mais tarde "viraram a casaca" e negaram os factos.

Mas João Vaz admite querer mudar as regras dos "verdes". Porquê? Porque considera o actual GE como mera filial da República "Trunfé-Copos", um grupo de amigos com direito a sala na AAC. Chamando as coisas pelo nome, o colaborador "suspenso" acusa o grupo de ser composto de "inactivos activistas", encabeçados por alguns "gurus culturais" que não movem uma palha em nome da ecologia. Se tencionava de facto alterar as regras ao jogo, fazia-o pela ideia que tem da postura ecologista. É que nem só de "marchar contra o sistema e contra o sistema marchar" vive o ambientalismo. É necessário fazer coisas mais comezinhas, como alertar as pessoas e promover actividades com resultados práticos. Mas sublinha, "não queria expulsar ninguém", apenas queria que o deixassem trabalhar.

Se até aqui as versões já divergem em muitos pontos, é na descrição da AGA em que João Vaz foi suspenso, que a coisa toca as raias do ridículo. João Vaz diz que após uma longa e pouco ortodoxa exposição das razões da sua suspensão, os efectivos chegam ao cúmulo de votar que ele não tinha direito a defender–se, e obrigam–no depois a abandonar a sala. O GE contrapõe. O colaborador saiu da AGA porque "percebeu que não era bem–vindo", se não se defendeu foi porque sabia "que não valia a pena". Entre as duas versões veio a DG, e escolheu.

Em busca do regulamento perdido

Quando Tiago Magalhães resolve declarar guerra aos "gurus verdes", não se baseia apenas no "caso João Vaz". É que se em Novembro de '94 o GE não tinha regulamento interno, o documento que apresentam agora está em claro desacordo com os Estatutos da AAC. O GE recusa estas acusações e diz que o seu RI já está amarelo, de tantas invernos passados na AAC.

Nos idos de '86, o GE elabora uma Carta de Princípios que briha sem dúvida pelo informalismo. Em três folhas assegura que o GE é movido pela "vontade de romper o cerco a que a lógica do sistema nos forma" e que "há que ter ganas de mudar a situação ou então pif..." . Aconselha aos participantes que "é necessário que sejam activistas mesmo, senão é só corpo presente" e designa como colaboradores aqueles que "gostam de dar uma mãozinha nestas coisas da ecologia". Quanto a actividades, nada poderia ser mais explícito. "Se alguém vier ter com o GE e quer fazer uma banca na sua terreola ou cantina ou de onde for, é–lhe passada uma espécie de factura e acabou–se...". "Mais vale ser activo hoje, que radioactivo amanhã"...

Reza a história que, na noite da discórdia, o GE se reune e sai com um regulamento interno, mais "compostinho" e baseado na anterior Carta. No entanto, mais uma vez este documento esbarra de frente com os direitos dos sócios da AAC, expressos nos estatutos. Se por um lado a passagem a sócio efectivo é feita por votação em Assembleia Geral de Activistas, só se tem "voto na matéria" quando já se é membro. Logo, só entra no Grupo quem é "bem visto" pelos restantes elementos.Preso por ter cão, preso por não ter.

É aqui que a DG diz estar o cerne da questão. O procedimento é "um atentado à democraticidade que rege a AAC e ignora o direito dos sócios à participação nas actividades da AAC". Ou seja, não se pode impedir o acesso a uma secção só porque os seus elementos não concordam com o modo como essa pessoa "funciona". O Conselho Fiscal é dono e senhor dos poderes disciplinares, e não tenciona partilhá–lhos com nenhuma secção. Por muito ecológica que seja.

Mas as irregularidades não ficam por aqui. É que o GE assume uma postura "diferente" da convencional e não tem Direcção, apenas um Tesoureiro, que referem como a única exigência dos estatutos. Para não fugir à regra, a DG volta a dizer que "não senhor".

Tendo em conta tudo isto, o GE já teve o seu castigo. Fecharam–lhe a torneira do dinheiro, e agora os verdes vêm–se sem fundos para as suas actividades. É que, como há três anos as DG's não atribuem duodécimos a ninguém, foram os próprios activistas a conseguir subsídios do Instituto Português da Juventude e dos Serviços Sociais. Com toda esta história, as duas instituições fecharam os cordões à bolsa e o GE ficou sem mesada. De dedo estendido, acusam Zita Henriques de má fé e de "mexer cordelinhos" em assuntos fora da sua alçada.

A Presidente esclarece. Foi o próprio IPJ a telefonar para saber "o que é que se passava" com a secção verde. Se cancelou apoios após ter sido informado da situação, a DG não se responsabiliza pela decisão. Quanto aos Serviços Sociais, a história já foi diferente. Neste caso foi a própria Zita Henriques a marcar o número de telefone. Porque se esta instituição apoia o GE, enquanto secção da AAC, então era bom que soubesse que os actuais membros não eram reconhecidos pela DG actual. E os Sociais gostam sempre de se libertar de um encargo.

Meia dúzia de gatos verdes

Para quem conhece o modus operandis das DG's, sabe por certo que este orgão nunca peca por falta de argumentos. Como último retoque de malvadez , a DG refere ser "incompreensívelmente escasso o número actual de sócios activistas". Traduzido à letra, significa que o GE tem colocado sucessivos entraves a todos os possíveis interessados em associar–se à actividade ecológica, praticada sob a égide da casa. Tudo porque os actuais (e escassos) membros são particularmente selectivos e só aceitam na sua sala quem compartilhe da sua "filosofia de vida". Isto leva, mais uma vez, a discriminações de natureza puramente ideológica. A história repete–se. Lá estão os direitos dos sócios da AAC, de novo, em situação de perigo. E para não fugir à tradição, ou ao ditado, a justiça académica tarda, mas não falha.

Procuram–se novos sócios

Para resolver a questão, a DG dá vida a uma Comissão Administrativa, onde têm assento garantido vários presidentes da casa. Um vem da Assembleia Magna, outro do Conselho Fiscal, três lugares para o Conselho Cultural e a Presidente da AAC, em carne e osso. Agora, ainda estão em compasso de espera, aguardando inscrições dos interessados, novos ou velhos, e garantem, sem discriminações ou "cadastros". E como objectivos, três tarefas que vão dar pano para mangas e muito que falar. Convocar plenários, coordenar a elaboração de um Regulamento Interno e promover eleições para os corpos gerentes, eis ao que se propõem estes meninos.

Mas por enquanto, o actual GE ainda não cruzou os braços e retribui o galhardete. Também eles andam em campanha de mobilização de novos sócios, para evitar aquilo que consideram ingerências e autoritarismo por parte da DG. Acusam Zita Henriques de criar uma "trama", de modo a expulsá–los da AAC, para na sua sala instalar outro grupo ecologista, já existente, e que dá pelo nome de GEOTA. Seja como for, João Vaz sorri e diz congratular–se com toda a actividade que o seu caso fez despertar nos activistas. Há males que vêm por bem.

E para não fugir à praxe destas situações, a fechadura da sala do GE já foi mudada. E a chave que possibilita o acesso está nas mãos dos velhos activistas. Viva a tradição.

Ana Drago

Qui pro Pólo

No Pólo I vivem–se momentos de revolução. Aliviado com a construção dos novos Pólos, estão criadas as condições para a mudança do "campus" universitário da Velha Alta.



Sónia Pinela

Colégio das Artes

A redefinição dos espaços atribuídos às diferentes faculdades no Pólo I da Universidade começou a ser discutida. Em documento distribuído ao Senado Universitário, ao qual "A Cabra" teve acesso, sugere–se a definição de um Programa de Reutilização de Espaços que estabeleça o futuro do centro tradicional da Universidade.

Este estudo realça como ponto de partida a urgência em resolver a disfunção funcional provocada pela ocupação dos antigos Hospitais da Universidade de Coimbra. Inicialmente estava prevista a sua conversão num Complexo Museológico, num espaço residencial para estudantes e numa zona de parqueamento automóvel paisagisticamente enquadrado. Contudo, a sobrelotação dos espaços das faculdades levou a uma progressiva transferência de grupos de salas atribuídos a diferentes departamentos, comprometendo assim uma harmoniosa adaptação deste espaço às funções que lhe estavam destinadas. A progressiva transferência dos cursos de engenharias para o Pólo II e a consequente desocupação dos ex–HUC tornaram possível repensar o seu aproveitamento. Surgiu assim a ideia de lançar um Concurso de Ideias, já aprovado pelo Ministério da Educação, envolvendo, além dos ex–HUC, toda a área do Colégio das Artes e de S. Jerónimo (integrados no bloco arquitectónico dos ex–HUC), Colégio de Jesus, Laboratório Chímico, Edifício das Caldeiras (onde ficará instalado o futuro Centro Nacional de Fotografia) e as Escadas Monumentais. Criam–se assim "as condições para uma intervenção coordenada na zona mais degradada da Alta Coimbrã". Neste espaço ficarão definitivamente o Departamento de Arquitectura, parte da Faculdade de Letras e a Direcção da Faculdade de Ciências e Tecnologia.

O "caso" Farmácia

A proposta actualmente conhecida mantém os espaços atribuídos à Reitoria da Universidade e à Faculdade de Direito, acrescentada de um auditório a construir do seu lado poente.

Menos consensual é a expanção desta faculdade para o Palácio dos Melos (actualmente ocupado pela Faculdade de Farmácia), justificada pela sua proximidade. Esta transferência não é pacífica no seio da Faculdade de Farmácia. Se, por um lado, há quem pretenda permanecer nas actuais instalações (o que se ficará a dever, segundo fonte por nós contactada, ao interesse de alguns professores em ficarem próximos do Departamento de Química, onde dão aulas), também não é pacífica a opção pelas alternativas que se colocam. Embora o documento aponte como solução preferencial a ocupação do espaço a libertar pela Faculdade de Medicina (a transferir para o Pólo III, junto aos actuais HUC), há quem prefira pensar na eventualidade da construção de instalações completamente novas no Pólo III. Só que esta solução parece não agradar a Medicina. Quanto aos espaços devolutos, a sua vocação para as áreas laboratoriais torná–lo–iam apto para receber a Faculdade de Farmácia (acrescida das "Ciências da Vida" que, num cenário de desmembramento da FCTUC, englobaria todos os cursos com uma forte componente laboratorial). Só que este espaço só ficará completamente livre depois do virar do século o que obrigará, caso a solução adoptada seja esta, a criar instalações provisórias para Farmácia no Colégio de S. Jerónimo e no Ex–Banco de Sangue!

Psicologia no Pólo II

A Faculdade de Psicologia deverá ser transferida para o Pólo II para obviar à inadequação das actuais instalações às actividades lectivas, e à elevada renda que a Universidade está a pagar pela sua utilização. Será acompanhada pelo curso de Geografia, que reforça assim a sua componente "técnica", embora se possa pensar que estas transferências visam compensar o excessivo peso das engenharias no novo campus (para alguns, a génese da criação da Universidade Técnica de Coimbra).

Por seu turno, a parte da FCTUC que permanece no Pólo I verá os seus espaços substancialmente aumentados. Os Departamentos de Física e de Química verão o seu espaço aumentado graças à saída para o Pólo II dos Departamentos de Engenharia Mecânica e de Engenharia Civil, que também permitirá a expansão do Centro de Informática da Universidade e a instalação da secção de textos da FCTUC. Também se prevê reanimar o pátio central deste edifício, numa clara aposta na revitalização do acesso ao Auditório da Reitoria e à Cantina.

Estacionamento na mesma

O que este documento não aponta é uma solução definitiva para o problema do estacionamento neste espaço da cidade. Embora classifique como "inaceitável" o parqueamento no Pátio das Escolas e sugira o aumento dos transportes públicos, não aponta soluções, o que não deixa de ser estranho num projecto que visa conceptualizar todo um espaço urbano. Apesar da solução para este problema não depender somente da Universidade, poder–se-á pensar que se quis evitar a polémica que este assunto levanta sempre que é colocado. A recente deslocação do Presidente da Câmara Municipal de Coimbra ao Senado Universitário terá sido o sinal de que se estão a equacionar possíveis soluções, nomeadamente a construção de um parque subterrâneo na Praça da República e o condicionamento do acesso de autocarros de turismo à Praça D. Dinis. Contudo à pressão, por parte de alguns para que, pelo menos ao fim de semana, o estacionamento no Pátio das Escolas fosse interdito, o Senado não foi capaz de dar qualquer resposta.

Tiago Maranhão

LISBOA, BRAGA E AGORA TAMBÉM EM COIMBRA :

Relações Internacionais

A Universidade de Coimbra criou mais uma licenciatura: RELAÇÕES INTERNACIONAIS, que irá funcionar na faculdade de Economia. O Dr. Boaventura Sousa Santos e o Dr. José Manuel Pureza são os responsáveis pelo curso.

Os candidatos para as vagas existentes deverão realizar uma das seguintes provas específicas: Matemática, História, Filosofia, ou Geografia, reunindo–se, assim, alunos de campos diferentes.

Para aqueles que já se encontrem a estudar no ensino superior e queiram mudar para esta nova licenciatura interessa–lhes saber que existe uma vaga para transferência, outra para mudança de curso (na qual os alunos da faculdade de Economia têm prioridade), uma também para o exame especial de avaliação e outra para titulares do curso médio ou superior. Curiosamente, no regime de reingresso (interrupção dos estudos universitários durante o período de um ou mais anos), não há limite de vagas.

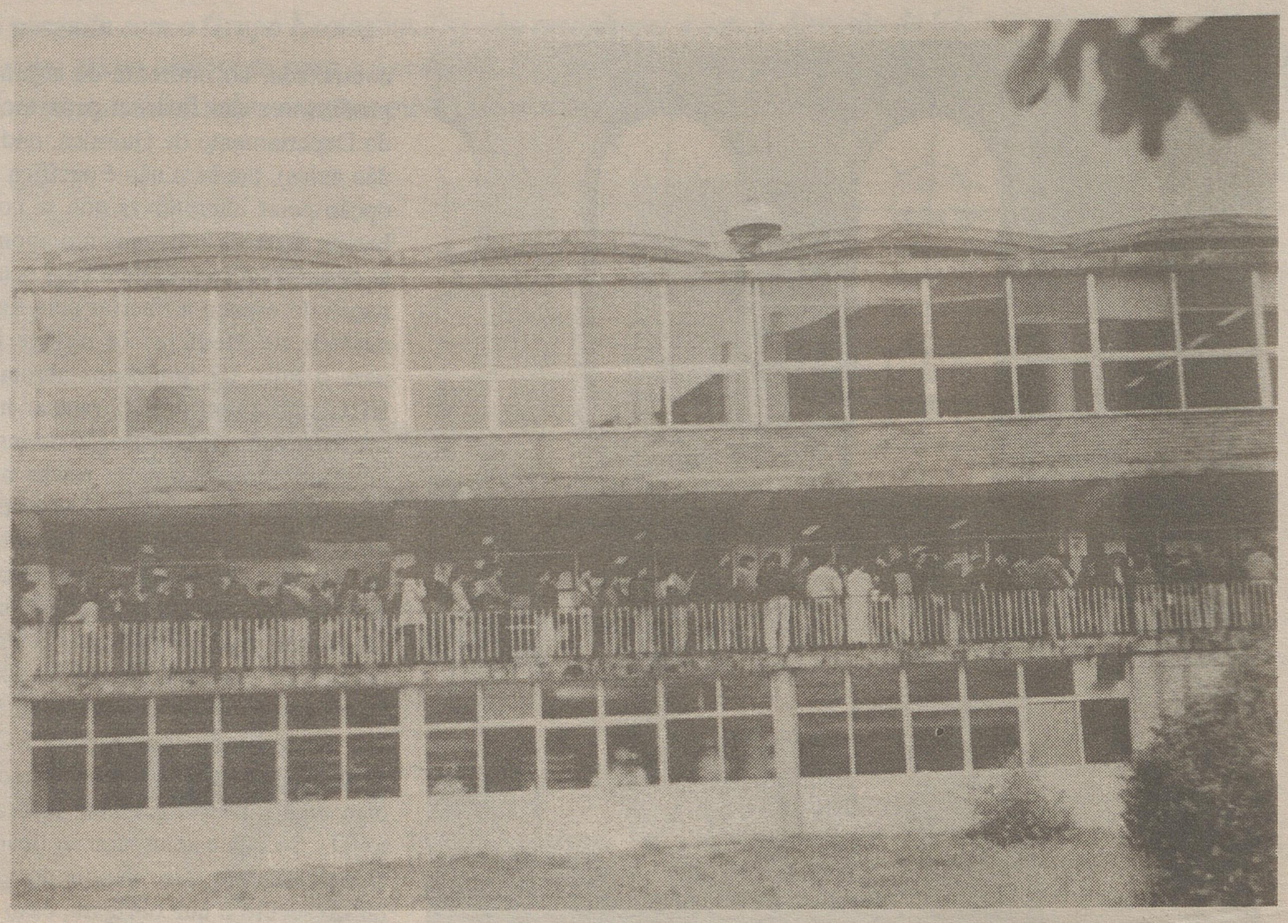
O curso pode ser feito em quatro anos. Para além das disciplinas obrigatórias, que abragem cadeiras como Introdução ao Direito Internacional, Introdução à Economia Internacional, Estratégia, Introdução à Diplomacia, Introdução ao Comércio Internacional, Introdução aos Estudos Europeus e ainda Introdução à Cooperação, Sociologia Geral, Estatística, Problemática do Estado Contemporâneo, Teoria da Decisão e Técnicas de Negociação, entre outras; existem também cadeiras de opção. Estas últimas permitem ao aluno a especialização numa das seguintes áreas: Diplomacia, Comércio Internacional, Estudos Europeus e Cooperação. Assim, o estudante tem a oportunidade de construir o seu próprio curso, segundo o seu leque de interesses.126 é o número das unidades de crédito necessárias para terminar a licenciatura.

Recentemente a faculdade de Economia estendeu as suas instalações, apesar dos estudantes das três licenciaturas existentes no corrente ano, Economia, Gestão e Sociologia, continuarem a debater–se com falta de espaço. Para não acentuar este problema, decidiu–se diminuir de 160 para 130 o número de vagas no curso de Economia, mantendo–se, portanto a média de entradas nesta faculdade.

Joana Ribeiro e Ana Sousa

Acção Social em Xeque

Criada para fomentar a igualdade de acesso ao ensino, a acção social nem sempre cumpre esse objectivo. Estudos recentes vieram reforçar a ideia de que essa função não é cabalmente cumprida. Um sistema fiscal permissivo e uma estrutura legal discutível têm sido as causas apontadas para este problema. Também se fala num desinvestimento do Estado, agora que as eleições estão à porta. Certo é que parece longínquo o objectivo que está na base do sistema: banir classes, criar novas hierarquias.



D.R.

As cantinas são o melhor exemplo da acção social por via indirecta

Um estudo dos Serviços de Acção Social da Universidade do Porto, recentemente publicado, revelou que cerca de 71% dos bolseiros são oriundos de agregados familiares de comerciantes, profissionais liberais e industriais, contrariando a expectativa de que os principais beneficiados fossem os filhos dos trabalhadores por conta de outrem. Provou–se, mais uma vez, que as disfunções patentes neste trabalho assentam num sistema fiscal injusto. O que coloca a questão a outros niveis que exorbitam do âmbito deste artigo.

No tocante à acção social escolar, duas posições são possíveis em face deste problema. De um lado, estão aqueles, como António Guterres, secretário–geral do Partido Socialista, que se propõem levar a cabo uma profunda reforma fiscal, suspendendo a Lei das Propinas até a reforma ficar concluída. Parece assim que este dirigentepartidário preconiza a manutenção deum sistema assente, fundamentalmente, na afectação de amplos recursos do Orçamento Geral do Estado à educação.

Do outro lado, estão os que preconizam soluções dentro do sistema fiscal actualmente vigente. É o caso da actual Ministra da Educação, Manuela Ferreira Leite, e dos seus antecessores que foram introduzindo diferentes nuances no sistema, só que o fizeram de forma desconexa, em diversa legislação avulsa. Contra si estão os resultados: uma insuficiente taxa de estudantes bolseiros (se exceptuarmos os alunos abrangidos pela isenção de propinas que, para efeitos estatísticos, são contabilizados como bolseiros), um baixo número de residências universitárias e um valor reduzidíssimo da bolsa média nacional (cerca de 15000 escudos).

O aparecimento da nova lei–quadro da Acção Social no Ensino Superior, o Decreto–Lei nº 129/93 de 22 de Abril, a extinção do CASES (Conselho de Acção Social do Ensino Superior), que foi substituído pelo CNASES (Conselho Nacional para a Acção Social no Ensino Superior) e a ligação do sistema de Acção Social no Ensino Superior ao regime de propinas, estabelecido pela lei 5/94, trouxeram um novo enquadramento a esta questão. Por um lado, corresponde ao reforço da autonomia das universidades, pois é criado um serviço responsável pelo apoio social aos estudantes em cada instituição de ensino superior. Por outro, subsistem fundadas dúvidas quanto à vontade do actual Ministério da Educação dotar as instituições de meios suficientes para garantir que são bem sucedidas, além de se manter uma estrutura orgânico–funcional típica da Administração Pública, o que se traduz em burocracia e ineficácia. Outro problema levantado pela nova legislação resulta da indefinição quanto às prioridades a adoptar. Se o apoio directo aos estudantes (bolsas, residências, por exemplo), se o apoio indirecto (cantinas, por exemplo). Embora pareça privilegiar a primeira vertente, nada obriga o Governo nesse sentido.

Por outro lado, a extinção do CASES, para dar lugar ao CNASES, não é de todo pacífica. É que o novo orgão tem um carácter meramente consultivo, pelo que os seus pareceres não vinculam o Ministério da Educação.

Contudo, o maior óbice da nova legislação vem da antiga legislação. É que continua a ser aplicado um Protocolo celebrado no âmbito do CASES (com base no Decreto–Lei 132/80, revogado pelo Decreto–Lei 129/93) que define a atribuição das bolsas de estudo e serve para justificar, nomeadamente, a não atribuição de isenção de propinas aos estudantes carenciados que não tenham obtido aproveitamento no ano lectivo anterior. O que se passa actualmente é que um estudante que não tenha obtido aproveitamento no ano lectivo anterior vê a sua recandidatura a bolsa de estudo (e,

---

A atribuição de bolsas de estudo é uma das questões mais polémicas - Coimbra não escapa à regra. Fomos falar com o Dr. Luzio Vaz, actual administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra para saber "como as contas são feitas."

"A Cabra": A atribuição de bolsas de estudo é a mais importante modalidade de apoio social directo e também a mais problemática.

Qual é o critério utilizado na atribuição de bolsas e nas isenções de propinas?

Dr. Luzio Vaz: São vários os princípios que fundamentam todo o regulamento. Não posso dar–lhe aqui uma ideia do regulamento em geral, mas passo pois aos princípios concretos. O princípio da complementariedade traduz–se no diferencial entre o quantitativo necessário para o estudante estar em Coimbra e aquilo que a família pode dar. Em relação ao princípio da justiça social, todos os estudantes devem ter a mesma situação económica, encontrar o quanto necessário para estar em Coimbra, de modo a que o filho do operário, o filho do ministro e o filho do industrial possam ter condições idênticas. Já se sabe que isto é utópico, nunca é a mesma coisa porque o filho de um industrial pode ter 100 contos por mês ou 200 e o outro só 50 ou 60.

Quando os regulamentos não dão para que se possa fazer um pouco de justiça social e obedecer ao princípio da complementariedade, então servimo–nos do princípio da equidade. Ora bem, o regulamento prevê estes princípios. Em tudo o resto é encontrada uma capitação a partir dos rendimentos do agregado, capitação à qual corresponde uma bolsa fixada pelo Governo. A capitação encontrada e à qual corresponde uma bolsa é depois corrigida através de factores favoráveis e desfavoráveis. Estes factores são analisados caso a caso e permitem às Assistentes Sociais manobrar para mais ou para menos o valor encontrado na capitação, que pode ir de 0 a 20 pontos.

Então essas decisões são executadas por Assistentes Sociais?

Dr. Luzio Vaz: Sim, por Assistentes Sociais com formação específica. Procuram não fazer um acompanhamento meramente matemático, mas auscultar através de entrevistas e inquéritos toda uma situação familiar, social, económica e até afectiva do próprio aluno.

Da maneira como o sistema está feito o que acontece é que alguns estudantes não têm direito às bolsas quando de facto delas necessitam, ao passo que outros as recebem indevidamente. Perante isto, verifica–se que o actual sistema de capitações que tabela a atribuição de bolsas de estudo não pode ser considerado como capaz de conceder um apoio económico suficiente e justo ao estudante.

Acha que os critérios para atribuição de bolsas e para a definição dos montantes estão correctos, ou deveriam ser rectificados?

Os princípios estão correctos - o social, o da complementaridade e o da equidade, afiguram–se–me correctos.

Os regulamentos carecem de uma permanente actualização, nós temos um sistema fiscal que é fraudulento, todo o nosso sistema tributário é um sistema deficiente, ao qual escapa a economia paralela, onde a fiscalização não consegue penetrar. Nós sabemos que há fraudes por esse país fora.

As Assistentes Sociais, na sua boa vontade, perante todo este complexo tributário, nem sempre conseguem os melhores resultados pois é difícil pôr em causa documentos que legalmente são autênticos. Cada aluno concorre através de um processo. Se o IRS é falsificado porque o aluno consegue fugir às declarações que apresenta ou porque as finanças não conseguem detectar os valores reais da sua riqueza, aí não compete às Assistentes Sociais sobreporem–se ao sistema tributário, às repartições de Finanças, sobreporem–se a todo um sistema legalizado, a não ser que venham documentos visivelmente falsificados (já temos mandado para a Judiciária alguns casos). Mas desde que o documento seja formalmente válido, nós não temos competência para pôr em causa o seu mérito, este documento vale em qualquer tribunal.

Quando há denúncias fazemos inquéritos, mas normalmente as denúncias são anónimas. Às vezes surgem por ordens mais diversas, e se há denúncias que levam a ir contra a fraude, também muitas delas são de mera rivalidade ou de vinganças pessoais que não levam a nada.

Todos aqueles que efectivamente apresentem papéis e dos quais resulte que têm bolsa, têm–na. A bolsa não é recusada a ninguém que faça prova da sua carência. Se não tem bolsa é porque reprovou e por algo não justificou a reprovação, ou porque efectivamente não apresentou documentos, não fez prova do seu estado financeiro, e aí nós não podemos ir além disso.

Se o Estado financiasse, eu aceito perfeitamente que o estudante queira ser independente, que queira autofinanciar–se.Se o Estado não pudesse financiar directamente, podia pelo menos proporcionar condições, por exemplo, linhas de crédito, permitindo o acesso a determinados cursos com uma valência maior a nível do mercado.

Portanto, em relação à ideia de que a atribuição de bolsas é justa ou injusta, eu julgo que ela é tão justa ou quão injusta quanto o sistema tributário que temos no nosso país.

Conceição Ribeiro

consequentemente, isenção de propinas) recusada, sendo depois obrigado a pagar propinas, não havendo absoluta certeza sobre a legalidade deste procedimento. Daí que as associações de estudantes venham agora propor que "sejam concedidas bolsas de estudo (desde que cumpridos os critérios económicos) durante o período de duração normal do curso acrescido de um ano". Resta agora saber qual vai ser a resposta da tutela.

Sistemas alternativos

Uma das especificidades do sistema português de apoio aos estudantes é, precisamente, a de se esgotar nas bolsas, residências (em número muito escasso) e apoios indirectos avulsos, como sejam as cantinas, não sendo possível recorrer a outras fórmulas que já provaram ser bem sucedidas noutros países.

É o caso dos empréstimos atribuídos a estudantes que pretendam continuar a estudar e, simultaneamente, garantir a sua independência económica face ao agregado familiar, em que o Estado pode servir de financiador do empréstimo ou apenas dar garantia a um empréstimo bancário e bonificar os seus juros. Uma vez empregue, o beneficiário do empréstimo pagá–lo–ia.

Também conhecida é a proposta do Dr. António Luzio Vaz, administrador dos SASUC (Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra), que pretende multiplicar o número de residências recorrendo ao crédito bancário, sendo os encargos dos empréstimos suportados pelos alunos. O sistema baseia–se num princípio muito simples. Quando um aluno chega à Universidade "adquire" um quarto aos Serviços Sociais recorrendo para tal ao crédito bancário. Assim, em vez de estar a entregar rendas a senhorios, que por vezes impõem condições indecorosas e nem sequer passam recibos, pagaria as prestações do empréstimo ao banco durante o tempo em que frequentasse a Universidade. Uma vez terminada a Licenciatura, outro aluno ocuparia o quarto, assumindo ele o pagamento das prestações. Findo o pagamento do empréstimo o quarto estaria na posse dos Serviços Sociais que veriam assim multiplicadas o número de residências universitárias.

Certo é que ainda estamos muito longe, neste como noutros campos do Ensino Superior, da média europeia. E não é crível que o cenário seja substancialmente alterado a menos que se promova uma verdadeira revolução. É que numa análise das vantagens comparativas na competição com os outros estados só temos duas soluções. Ou continuamos a apostar no baixo preço da mão–de–obra, ou apostamos decisivamente na mais–valia dos nossos quadros, apostando no ensino. Talvez começar pela Acção Social fosse a forma mais correcta.

Tiago Maranhão

Bósnia na AAC

Esteve dia 25 de Maio na AAC o vice–reitor da Universidade de Tuzla, Enver Mandzic, a participar num debate sobre a guerra na Bósnia. Não chegou a trinta o número de estudantes do ensino superior de Coimbra que quiseram ouvir o testemunho de um partcipante e vítima dos combates fraticidas e aparentemente eternos que se desenrolam a tão poucos quilómetros das nossas novas fronteiras de Schengen

D.R.



A Bósnia ocupada

Há cinco anos atrás, Mandzic era um professor comum, tão comum como qualquer professor da nossa Universidade. Era até uma autoridade académica na sua área, tendo feito parte de comissões científicas da ONU. Hoje veste trajes militares para defender a sua terra.

Sempre bem disposto, explicou–nos que a "vida normal" dos bósnios em Tuzla -um dos enclaves controlados pelo exército muçulmano bósnio e supostamente protegidos pelas forças da ONU- não era bem o que nós consideraríamos normal. Fazia parte do dia–a–dia ouvir aquele som fino que antecede a queda dos obuses lançados pelos sérvios que cercam a cidade. Aliás, quando não caem um ou dois é que o dia é anormal, garantiu.

Também o ensino não é muito "normal". Os estudantes da Universidade são obrigatoriamente soldados, pelo que, após um mês de estudos, vão um mês para a frente de batalha combater, repetindo–se este processo ao longo do ano. Não que os bósnios disponham de soldados suficientes para se estarem constantemente a revezar, mas como, devido ao embargo internacional, só têm uma espingarda para cada 2-3 soldados, é algo que podem fazer. Para além disso, eles estão bem conscientes da sua missão, como demonstrou o jovem estudante de Tuzla presente no debate, quando disse que estudavam "pois um dia, quando acabar a guerra, o nosso país vai precisar de gente instruída". E garante o professor que os soldados são os melhores alunos, pois como em volta de Tuzla há guerra de trincheiras, "eles podem lá estar sentados a estudar as matérias".

Enver Mandzic tentou passar a sua visão da guerra. Que era uma guerra de bons -os bósnios- contra maus -os sérvios. De quem luta para defender um país multi–étnico e multi–confessional ,"como era antes da guerra e como será nos próximos mil anos", contra um agressor externo que ocupa 70% do país com o intuito de formar a "Grande Sérvia", com um só povo e religião. Como esta tese dos bons e dos maus não foi muito bem aceite por todos, Mandzic tentou reforça–la: "Não será que quem é fascista, quem é ultranacionalista e não aceita outros povos, quem mata e viola, quem invade e tem campos de concentração, quem é responsável por 200000 mortos e 1000000 de expulsos não são os maus? E quem tenta defender a sua terra, quem luta por um país plural onde todos possam viver, quem luta para ter energia e comida não serão os bons?" Após alguma insistência, lá concedeu: "Eu quero acreditar que existem sérvios bons, mas estão calados e oprimidos". Provavelmente tem razão.

Criticou fortemente as forças da ONU, que segundo os seus testemunhos não protegem nada, pois os obuses continuam a cair e os snipers a matar, e impedem que os bósnios se defendam e contra–ataquem. A verdade é que, segundo um relato de um comandante da ONU, com os meios que dispõem, os soldados azuis já têm dificuldade em protegerem–se a si próprios, quanto mais a população civil. Deu para ver que aqueles bósnios estavam desiludidos com o mundo. Fortes críticas também para a França e Reino Unido, "que apoiam os sérvios" e para a neutralidade da Europa, que "apenas benificia os agressores".

Outro ponto quente do debate, este entre os portugueses, foi quanto à alegada posição pró–Sérvia dos meios de comunicação ocidentais, que, garantiu Mandzic, "não dizem a verdade sobre a Bósnia". Houve um jornalista que disse que na sua revista não lhe permitiam escrever artigo favoráveis à Bósnia–Herzegovina. Concluiu–se que o "Público" talvez ainda fosse o mais isento e credível.

Ficou por fim a história macabra, que há na Sérvia uma agência turística que promove "safaris" em Sarajevo, e em vez de se atirar sobre leões, atira–se sobre civis.

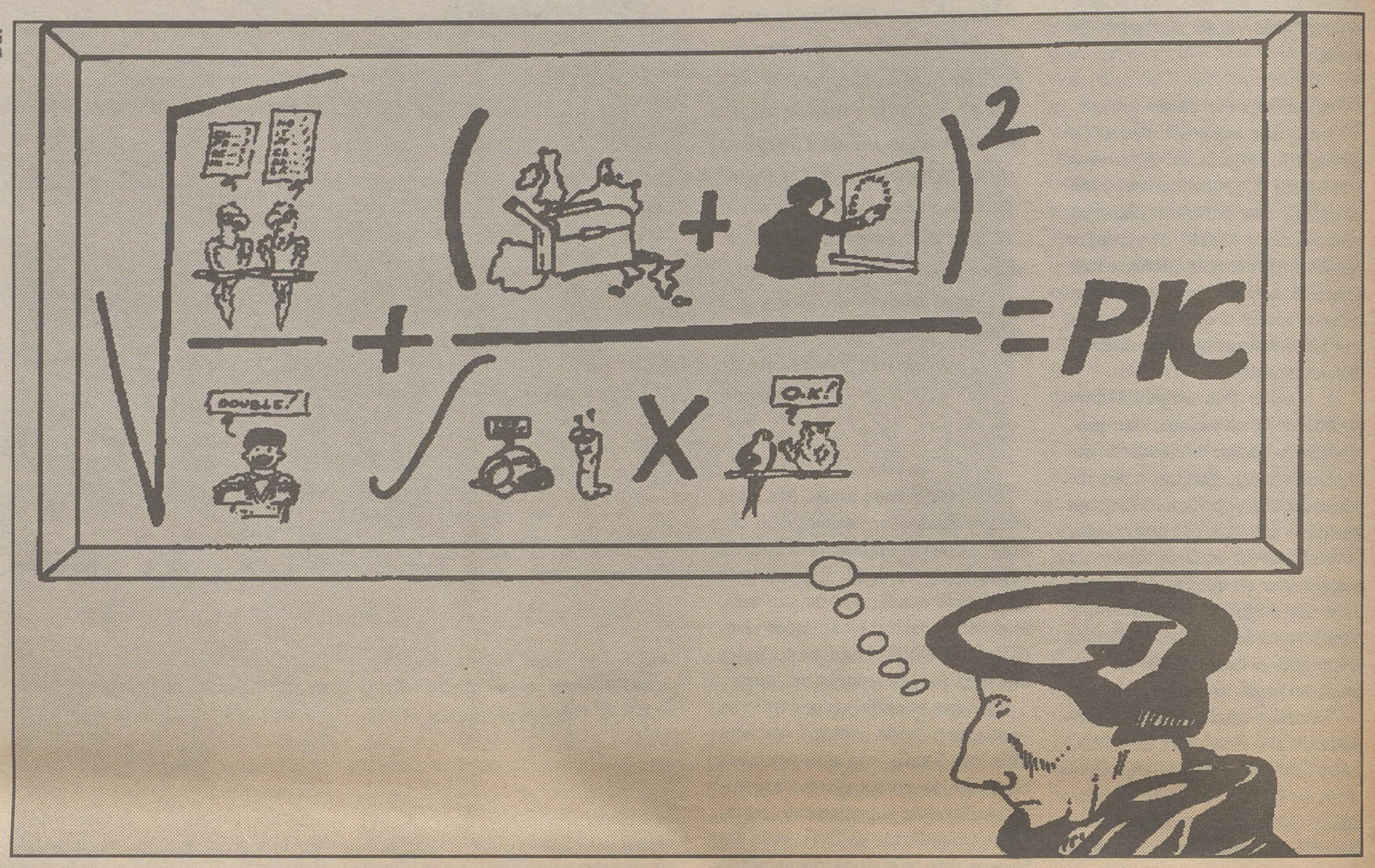
Não sei se esta história será verdade. E é dificil também saber numa guerra se há bons a 100% ou se alguém tem 100% de razão. Mas não há dúvidas que há vítimas a 200% e essas vítimas são os bósnios, todos os que vivem naquela terra, sejam muçulmanos, católicos, protestantes ou ortodoxos. Quando era puto ensinaram–me uma canção que tinha mais ou menos esta letra: "How many years must some people exist, before they're allowed to be free?/ And how many times can a man turn his head, and pretend that he just doesn't see?/ And how many deaths will it take 'til he knows that too many people have died?" A answer nunca compreendi, pelo que fica a questão: Por quanto tempo mais irá a Europa, agora sem o protector americano, tolerar que estes combates estúpidos e o derrame de sangue inocente continuem? Willy Brandt dizia qualquer coisa do género "Numa agressão, ficar de braços cruzados é pactuar com quem mata" e acreditem que, como alemão, sabia o que dizia. Cometer o mesmo erro de 38 -quando Hitler anexou o Rheinland, a Áustria e a Checoslováquia para a sua Grande Alemanha e o seu Grande Povo perante a passividade mundial- demonstraria já não só a comum hipocrisia dos governos ocidentais -que nos toca em relação a Timor-, mas a sua profunda imbecilidade. Mandzic, orgulhoso, apenas pediu solidariedade e esperança. Disse que os bósnios estariam dispostos a resistir por mais 15, 20, 30 anos até que nós, jovens, cheguemos ao poder e mudemos a política ocidental. Duvido que consigam resistir tanto tempo, mas mesmo que consigam, iremos nós mudar a política? Volto a lembrar que não chegou a trinta o número de estudantes que quiseram ouvir falar da Bósnia. Que está aqui ao lado. Imaginem quantos quererão saber do Ruanda, da Tchétchénia, do Curdistão, do Tibete. E quantos europeus quererão saber de Angola ou Timor.

JLQ

ESTUDANTES ESTRANGEIROS EM COIMBRA

As Novas Fronteiras

Muito se fala, por aí, do programa ERASMUS... Até porque, bem vistas as coisas, é difícil passarem despercebidos os inúmeros estudantes estrangeiros com que diariamente nos cruzamos, nos mais diversos locais da cidade. -ERASMUS- diz–se. Com toda a convicção. Mas, afinal de contas,o que é concretamente o ERASMUS?



D.R

ERASMUS é um programa da Comissão Europeia que visa fundamentalmente o intercâmbio de estudantes universitários dos diversos países europeus que integram a EFTA. Fundamentalmente porque, para além dos estudantes, também se podem candidatar aos programas docentes e Técnicos Superiores de Relações Internacionais das Universidades.

Um processso simples mas inevitavelmente burocrático está subjacente ao surgimento das bolsas ERASMUS: professores das respectivas áreas ou Gabinetes de R.I. das faculdades propõem todos os anos, em Outubro, PIC's (programa interuniversitários de cooperação), sujeitos a posterior aprovação e consequente financiamento e divulgação. Seguir–se-á a época de candidatura. No caso de preenchimento dos programas, é dada ao estudante a hipótese de promover uma candidatura livre, a enviar em Dezembro. Para tal, poderá contar com o auxílio do Gabinete de Relações Internacionais da Universidade, que, no caso de Coimbra, se coloca inteiramente ao dispor.

Este ano foram desenvolvidos na Universidade de Coimbra 115 PIC's, que envolveram todas as áreas de estudo. Perto de 250 estudantes saíram e 250 entraram, ao abrigo destes programas. É aguardada, neste momento, a lista dos programas aprovados para 95/96.

No que diz respeito à selecção de candidatos, vários passos serão dados pelos responsáveis. A análise do requerimento, a verificação de hipóteses de equivalência e, por último, a entrevista. Tidos em conta de forma determinante serão o perfil do estudante e a aptidão linguística. As notas, em contrapartida, não serão preponderantes.

Só se pode ser bolseiro ERASMUS uma vez, num mínimo de três meses e máximo de um ano académico. Para aqueles que pretendem prolongar a sua estadia por mais do que o tempo máximo estipulado, resta a possibilidade de, perdendo a bolsa, continuar com certas regalias ERASMUS (alojamento, cantinas, isenção de pagamento de propinas...) por mais um ano. Quanto ao valor das bolsas, de realçar que, apesar de não serem muito elevadas, as bolsas portuguesas são superiores às dos outros países. Facto este devido à política de redução do número de bolsas, em virtude do aumento do seu valor, adaptada pela ANAB.

Henrique Garcia, estudante de Farmácia na UC, esteve na Alemanha, ao abrigo do ERASMUS. Conseguindo obter um subsídio de 230 contos para os 3 meses de duração do programa, foi–lhe possibilitado o desenvolvimento de trabalho de investigação numa prestigiada universidade.

Acerca do apoio e recepção do Gabinete RIUC, sem hesitação, forneceu a melhor das indicações (exceptuando, no entanto, as infindáveis esperas na entrada...!). No respeitante à experiência, Henrique realça a amabilidade e prestabilidade da AE da Universidade que o recebeu, (em contraste com o caos vivido no GRI da mesma, onde, para além de toda a burocracia existente, se recusaram a falar inglês), e a fantástica oportunidade de estar em pleno contacto com o povo alemão e conhecer melhor o seu país.

Dificuldades

A nível de dificuldades, invocou a tremenda barreira à comunicação em determinadas situações, a inevitável saudade...; e, sem querer desanimar ninguém, o "arcar" com as despesas de uma noite de farra que, em nada, se assemelham às já difíceis de suportar "noites portuguesas".

Quanto ao alojamento, Henrique teve a sorte de ser ajudado pela AE já mencionada, e conseguir um quarto "barato"-30 mil escudos mensais (a média varia entre 50 e 100 contos por mês).

A alimentação das cantinas , em contrapartida, não difere muito da de cá... economicamente falando como é óbvio, porque "a desagradável experiência da comida alemã" parece ter marcado Henrique...! Nada que não fosse ultrapassado pelo excelente companheirismo conseguido entre os estudantes ERASMUS, na mesma situação na altura e pela oportunidade de criar novas e consistentes amizades com pessoas de outras nacionalidades.

Concluíndo, Henrique aconselha firmemente uma experiência ERASMUS. Para além de se aferir a uma nova realidade a nível técnico, (uma experiência evidentemente construtiva e diferente até mesmo no aspecto linguístico, onde o "traquejo" acaba por ser adquirido), o mesmo acontece do ponto de vista pessoal: "organiza–se uma vida nova de raíz no espaço de três meses... é um corte total... uma sensação de liberdade!"

Julie Trappe e Ingela Stahl vieram da Alemanha e da Suécia, respectivamente, para a Faculdade de Direito da UC, não hesitaram em afirmar a eficiência e simpatia do gabinete de Relações Internacionais da UC. Tal como Frédéric Missotten, aluno do mesmo curso vindo da Bélgica, não se fizeram rogados em apontar qualidades ao coordenador do projecto na FD. Em contrapartida, lamentaram a falta de iniciativa da própria faculdade em geral no sentido de tentar uma mais rápida adaptação de estudantes estrangeiros. O mesmo não aconteceu, segundo Patrice van Lancker - também de nacionalidade belga- na Faculdade de Economia, onde uma "semana de boas vindas" aos estrangeiros ERASMUS de Setembro foi promovida, no sentido de os integrar com os colegas portugueses. O francês Thierry Beja, aluno de História da Arte, considera que a responsabilidade da integração nos primeiros tempos está também na mão dos estudantes ERASMUS. Tal como em situações análogas nos seus países, é uma questão de tempo. Os convites para jantares e festas vão surgindo e a desorientação inicial desaparece. A propósito, Thierry não quis deixar de realçar a maneira simpática como foi recebido na Secção de Fado da AAC.

Em matéria de alojamento e alimentação, os inquiridos não se mostraram descontentes. Aquando da sua chegada, foi–lhes assegurado alojamento durante 15 dias em residências universitárias, de modo a terem tempo para procurarem quartos. "Estranhas" foi a palavra que Julie e Ingela empregaram para caracterizar as peculiares exigências das "senhorias", que tanto as surpreendeu.

No respeitante à avaliação e tratamento por parte dos professores, poder–se-à concluir pela flexibilidade, receptividade e simpatia destes, dado o "estatuto ERASMUS". Mas... nada de generalizações... Deu–se o caso de uma professora de Arte Contemporânea, a quem Thierry pediu ajuda na realização de um trabalho de investigação escrito, negar apoio, alegando que os estudantes ERASMUS estão cá para passear e que ela não tem tempo a perder com eles...!

Gostam de Portugal

Concluindo, os estudantes abordados foram unânimes ao afirmar que gostam de Portugal e que se sentem bem no nosso país. Julie e Ingela focaram a extrema simpatia do povo português, sem contudo deixar de referir que os portugueses são mais reservados do que elas pensavam. A nível de abordagem, "não tomam a iniciativa... é–lhes difiícil dar o primeiro passo...!" Curioso, não?

Resta referir que, para os interessados ou "necessitados", a AAC dispõe, no segundo piso, de um gabinete de apoio ao estudante ERASMUS.

Espaço ainda para um breve esclarecimento. Contrariamente ao boato que se generalizou, o programa ERASMUS não vai ser anulado pelo programa Sócrates. Este, que estabelece vários programas de mobilidade para todos os graus de ensino -do primário ao universitário-, irá integrar o programa ERASMUS, o qual, todavia, permanece.

Nádia de Freitas Esteves

UM SIMBOLO NACIONAL

Camões

Camões é o maior poeta português de sempre. Autor do grande legado da cultura nacional que são Os Lusíadas. O dia de Camões, 10 de Junho, celebra Portugal e as Comunidades.

O 10 de Junho celebra Camões, Portugal e as Comunidades. Cite–se a importância das comemorações na cidade do Porto. Fazem parte da ordem do dia os cumprimentos do Corpo Diplomático ao Presidente da República; a sessão solene onde são condecoradas várias personalidades da cultura nacional e o discurso do presidente.

Convém lembrar os 5 séculos da epopeia das descobertas marítimas que permitiram o conhecimento do globo e ficaram a assinalar um dos maiores feitos da história do homem.

Camões cultivou o símbolo nacional que são Os Lusíadas. A epopeia exprime o sentimento nacional em que se fala de guerras e amores, de naufrágios e torneios, de homens e deuses, de glória e dor. Tudo isto nos mais formosos versos que jamais foram escritos em língua portuguesa.

A produção de Camões divide–se em três géneros: O épico n' Os Lusíadas; o lírico, em numerosas composições; o dramático, em obras como "Anfitriões", "El–rei Selenco" e "Filodemo".

Camões lírico constituiu uma admirável síntese artística da lírica tradicional portuguesa, das grandes correntes e ideologias do seu tempo e da influência clássica. Representa um dos momentos mais altos na evolução da lírica portuguesa. O poeta não se limitou a receber e continuar uma tradição, a imitar os clássicos, a assimilar o neoplatonismo cristão ou a seguir Petrarca. As influências são originalmente preparadas, é senhor duma cultura vastíssima e um raro talento. Soube repassar os seus poemas da experiência vivida, emprestando–lhe um grande dramatismo e autenticidade. Exemplo do humanismo renascentista, reflecte sobre os grandes problemas do homem, sempre inquieto, instável, verdadeiro titã que se interroga perante o tempo, a mudança, a vida e o destino. Sofre a ingratidão dos homens e os ardis do desconcerto do mundo. Possuidor de um pessimismo próprio, onde a obra constitui um autêntico momento de afirmação humana.

Cecília Oliveira

Lápide

Luís Vaz de Camões.
Poeta infortunado e tutelar.
Fez o milagre de ressuscitar
A pátria em que nasceu.
Quando, vidente, a viu
A caminho da negra sepultura,
Num poema de amor e de aventura,
Deu-lhe a vida
Perdida.
E agora,
Nesta segunda hora
De vil tristeza,
Imortal,
É ele ainda a única certeza
De Portugal.

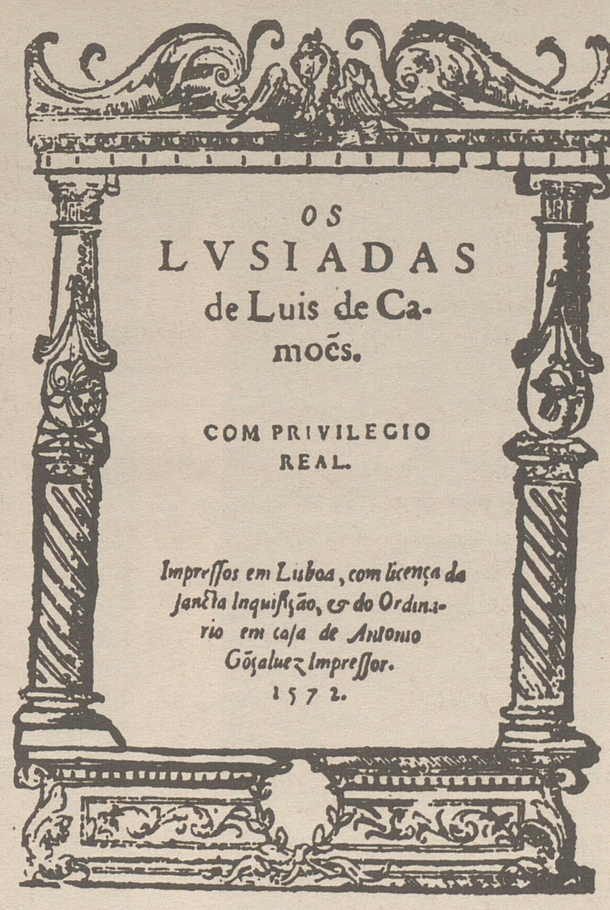
Miguel Torga

Biobibliografia

A biobibliografia de Luís Vaz de Camões levanta numerosos problemas por falta de dados.

Nascido provavelmente em Lisboa em 1524 ou 1525, de uma família Galega, terá aprendido as primeiras letras numa das escolas lisboetas onde adquiriu contacto com autores e obras donde a sua formação humanista. Resta ainda a hipótese do poeta ter estudado no colégio da Ordem de São Domingos. A lírica aponta para a sua estada em Coimbra: "Vão as serenas águas/ do Mondego decendo/ (...)" (canção IV); porém não há qualquer registo que prove a sua passagem pela universidade. O desterro para Constância, enraizado na tradição camoniana, pode ter a sua origem nos tais amores contrariados, nascidos com grande probabilidade em Coimbra.





A primeira edição de "Os Lusíadas"

Ainda novo, rodou na órbita de centros aristocráticos, talvez na corte, e frequentou a boémia de Lisboa. Acabou esta fase na prisão do Tronco por ter ferido um funcionário do Paço. Obteve a liberdade com a promessa de embarcar para a Índia, para onde seguiu em 1552 como simples homem de guerra.

A estadia no Oriente foi acidentada. Esteve em Goa, no Golfo Pérsico, em Tenerife. Foi provedor de defuntos em Macau, na costa da Conchichina, onde naufragou, salvando–se a nado com o manuscrito d' Os Lusíadas (episódio que assinalou no poema).

Em Goa enredou–se em complicações que o levam à cadeia. Procurou protecções perante o Governador Francisco Barreto, representou o auto de Filodemo; O Vice–rei D. Constantino de Bragança compôs uma ode, em que o defende contra críticas e lhe promove a imortalidade dos seus versos; o Vice–rei Francisco de Sousa Coutinho com quem teve relações amistosas. Obteve a nomeação para a feitoria de Chaul, mas não chegou a ocupar o cargo. Manteve relações amistosas com Diogo Couto e com o Dr. Garcia de Orta. Em 1567 viu–se com dificuldades económicas. Foi para Moçambique e regressa a Lisboa dois anos depois.

Em 1569 trazia Os Lusíadas que logo editou. A publicação em 1572 fez com que o seu nome corresse. As suas cartas e composições líricas foram publicadas após a sua morte no cancioneiro de Luís Franco Correia (1580). O seu enterro terá sido em 1570 ou 1580.

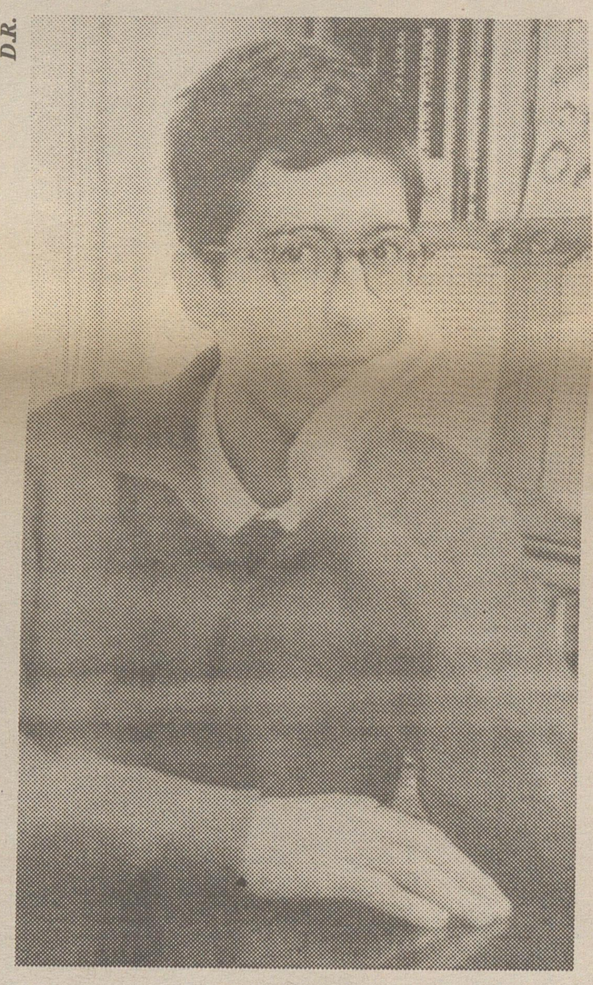
Cecília Oliveira

Luis Quintais

Luís Quintais, professor do Instituto de Antropologia de Coimbra , acaba de publicar na Teorama "A Imprecisa Melancolia" - obra distinguida com o III Prémio Aula de Poesia, de Barcelona (concurso aberto a obras inéditas escritas em castelhano, catalão e, desde 1994, português).

"Luís Quintais tem 26 anos e escreveu um livro em que a luz incide sobre os sentidos do poeta, sobre a vida ou a

D.R.



memória desta"; "... um felicíssimo livro de estreia, que convém recomendar a quem o saiba merecer. A poesia de Luís Quintais torna–se ela própria "uma arte privada". Apetece partilhá–la com os nossos cúmplices da vida."

-Maria João Martins, in JL 24 de Maio de 95.

"A (in)comunicabilidade pode constituir uma via interessante para abordar a poesia de Luís Quintais. Alguns poemas podem ser considerados formas de ultrapassar essa barreira, que existe sempre".

-Fernando Pinto do Amaral, in JL 15 de Fev de 95.

Nuno Azevedo

DOM Dinis

MÚSICA AO VIVO * CINEMA * SERVIÇO DE BAR * SALA DE PIANO * GALERIA DE EXPOSIÇÕES

Paulo Antunes



acTUs

No mês passado, Coimbra assistiu ao acTUs- Encontros de Teatro Universitário. Por aqui passaram diversos grupos: SIN-CERA (Faro), GRETUA (Aveiro), Grupo de Teatro de Letras (Lisboa), KULA (Lisboa), Cénico de Direito (Lisboa) e T.A. (Viseu). Isto, para além, dos dois grupos que, em conjunto, organizaram os Encontros: CITAC e TEUC.

À volta das peças apresentadas, houve debates, exposições e animação de diversos espaços. Foi um momento para ver mas também para pensar o teatro. "A Cabra" prolonga nestas páginas esse acto de reflexividade. Para isso, ouvimos o que nos tinham para dizer algumas das pessoas envolvidas nos Encontros. Falaram sobre vivências no teatro e sobre o teatro nas vivências. Para isso, Rita Simões divaga sobre o que é um acto na acção do teatro.

Para isso e para terminar, a Diana Silva Dias faz uma avaliação crítica do "3000 Verecunnia", a peça com que tudo começou. Ficamos a aguardar os próximos actus...

TEATRO EM VÁRIOS ACTUS



Antes que o pano suba, deixem–me que vos diga que vamos conversar com Sandra Correia (TEUC) e com Vasco Rodrigues (CITAC). Estiveram juntos na equipa de produção executiva dos Encontros de Teatro Universitário realizados em Coimbra no mês passado. Juntaram–se também para esta longa conversa...

Primeiro acto

Tudo começa com os entrevistados a opinar sobre a própria entrevista. Depois falam do acto teatral. Em si e nas suas ligações com os actos do quotidiano. Propõem–nos também uma viagem onde não se sabe qùem é actor e quem não é. Depois, uma outra em que isso fica claro.

A Cabra: Em primeiro lugar, eu gostava de saber o que é que vocês entendem por um acto teatral, como é que definem isso e onde é que acham que se manifesta: é só no palco ou também fora dele?

Vasco Rodrigues (VR): Acho que tudo isso devia ser a última pergunta.

É um ponto de partida que também pode funcionar como ponto de chegada...

Sandra Correia (SC): Desde que uma pessoa entenda tudo aquilo que faz como um acto, não há uma definição concreta. É muito difícil definir acto teatral, portanto, não podemos partir dessa definição para continuar.

Queres dizer que, para ti, tudo pode ser um acto teatral, mesmo o que se passa na vida quotidiana, fora do palco?

SC: No fundo, aquilo que se tenta no palco é dar um outro ponto de vista de muitas coisas que se passam na realidade. É evidente, com uma encenação por trás e com um texto mais bem elaborado, mas, no fundo, retrata a vida quotidiana.

VR: Ou seja, há–de ser sempre um reflexo da nossa vida quotidiana, não é? O acto só tem significado quando as pessoas encontram nele algum significado para elas. Se for uma coisa muito vaga, é evidente que não diz nada a ninguém, ou seja, tem que ter a ver com aquilo que a gente vive todos os dias, com as nossas preocupações, com as angústias...

Há sociólogos que defendem que se pode analisar as relações sociais com base numa linguagem teatral.

Aquilo que nós estamos aqui a fazer, por exemplo, pode ser lido e analisado com base em conceitos do teatro. Por isso é que se fala no actor social que tem que ter um bom desempenho face aos outros actores que o estão a ver, que se desloca num determinado cenário, que, digamos assim, usa uma determinada aparência e maneira no seu dia–a–dia. Quando uma pessoa vai fazer negócios, pode pôr gravata, mas, quando vai ter com os amigos, pode tirar essa gravata; ao fim e ao cabo está a jogar com o guarda–roupa um bocado como se estivesse no teatro, não é? Às vezes não têm essa sensação que podem analisar as coisas com os conceitos e com as ideias do teatro?

SC: Não. Nesse ponto de vista, de fatos, não, porque eu tanto posso estar num palco com um fato que uso diariamente como posso andar na rua com o fato que usaria em palco. Na minha opinião, os figurinos são um factor secundário em qualquer peça de teatro. A base é na forma como a pessoa age perante as situações.

VR: Esse papel que todos representamos todos os dias é evidente que tem ligações. Não há hipótese de separares a vida quotidiana das pessoas com o acto teatral. As pessoas representam todos os dias: quando vão às entrevistas, quando vão a isto, vão àquilo. As pessoas preparam–se, desempenham um papel, pensam o que é que vão vestir, pensam o que é que vão falar, o que é que as outras pessoas vão perguntar. Tudo isso tem a ver com alguma coisa que se faz em teatro que é experimentar. Tu no teatro o que fazes é dar uma espécie de reformulação a isso tudo, ou seja, partindo de um texto conseguires chegar a uma representação e passar por todo esse esquema de experimentar, de ensaios, de esquematizar todas as palavras que se dizem e como é que se dizem muito mais elaborado, muito mais bem pensado e com outro tipo de esquema. Quer dizer, tu, quando estás a fazer essa comparação da vida social e do teatro... o teatro só funciona com o público, percebes? e funciona porque existe um actor e existem todos os outros e tu, quando estás a ensaiar, tens de estar a tomar em atenção todos os outros actores que estão em cena e todas as outras acções que tu tens em cena. Na vida quotidiana não acontece bem assim ou, pelo menos, as pessoas não estão tão sensíveis a esses fenómenos.

SC: Imagina que um grupo de pessoas trabalha em teatro. Algumas sim, outras não. Pegam em ti e te põem a assistir a um enredo em vários espaços, imagina. Imagina que tu partias do Gil Vicente. Sabias que a pessoa com quem partias era actor e ela te levava por vários sítios da cidade em que tu irias encontrar outras pessoas com quem irias falar e com quem essa pessoa que te acompanhava também iria falar. Uns seriam actores, outros não seriam actores, mas tu, a certo momento, acabavas por não saber quem é que era actor e quem é que não era actor. Acabavas por não saber como reagir perante cada uma das pessoas.

Confunde–se, certas vezes confunde–se, o acto teatral com o acto na realidade. Sabendo à partida, no início dessa viagem, que tu irias encontrar pessoas que estavam a representar e outras não, tu, a partir de certa altura, já não sabias o que era real e o que era irreal.

Desde que eu estou no teatro que consigo captar determinadas expressões no olhar que não conseguia antes.

Os brasileiros fazem muito bem essas coisas. Por exemplo, nas telenovelas é tudo estudado ao milímetro: existem os pontos de pico, depois existe uma queda, existe três minutos em que a conversa é mais amena, depois vem outro pico e depois vem abaixo e depois estabiliza outra vez. Os espectáculos deviam todos ser assim estudados ao milímetro.

Exacto, mas, se há essa aproximação tão grande entre o homem comum, digamos assim, e o actor e se há uma continuidade entre os dois de tal modo que se podem confundir -se eu não souber quem é um e quem é outro, também não vou descobrir-, como é que justificas a necessidade de formação do actor? Se, de facto, nós representamos tão bem na vida real ou se nos podemos confundir com actores, como é que justificas que tenham um treino próprio, técnicas especiais?

SC: Porque depois tens várias linhas teatrais e as várias vertentes teatrais e as várias técnicas. Existe a técnica da improvisação. É um ponto essencial na formação do actor, mas ela nem sempre é utilizada. É só quando é estritamente necessário. Isso será uma técnica que as pessoas que não têm a formação de actores não dominam e que o actor precisa de dominar.

Mas nós improvisamos, ao fim e ao cabo, todos os dias. Porque é que é preciso essa formação especial? O que é que dá, para além da nossa capacidade que temos de improvisar no quotidiano?

SC: As pessoas improvisam, mas, por vezes, não improvisam de uma maneira totalmente limpa.

VR: As pessoas quando improvisam no quotidiano, por exemplo, não é para atingir uma meta, para atingir um fim. Enquanto numa peça, se recorres à técnica da improvisação, é para atingir um determinado fim. É para conseguires fazer a formação da personagem, encontrares como é que ele anda, como é que ele se move no espaço, como é que ele fala, como é que ele interage com as outras pessoas. Isso vai sendo reformulado, tu vais limpando coisas, há coisas que aproveitas, outras coisas que não aproveitas, e esse trabalho, vá lá, dia–a–dia não há essa... é capaz de haver essa necessidade e é capaz de haver isso tudo, mas não passa por um esquema de crítica das outras pessoas.

O trabalho de improvisação também funciona muito com a crítica das pessoas que estão fora. Nessa comparação acho que é mais ou menos isso que difere, além de ha-



ver já a formação das pessoas se sentirem um bocado mais à vontade e mais predispostas a experimentar.

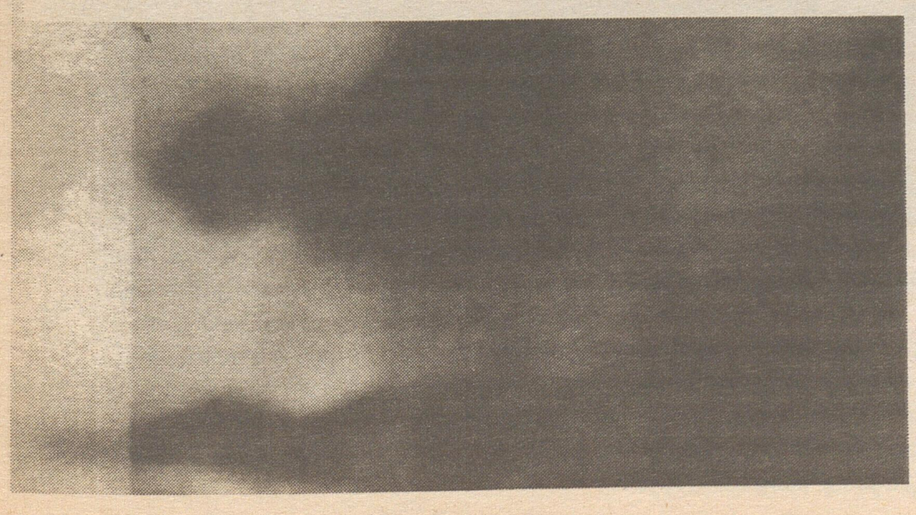
SC: E depois não é só isso. É assim: imagina que nessa tua viagem -que eu pressupus há pouco- a partir de certo momento, a pessoa que te acompanhava dizia a todas as outras pessoas por quem passavam: "nós vamos fazer uma segunda viagem e nessa viagem já queremos que haja diferenças; já queremos distinguir perfeitamente os que são actores e os que não são actores". Isso era possível. Porquê? Porque aqueles que têm uma formação de actor têm a capacidade para diferir à medida que se for pedindo. E tu vês isso: as pessoas estão numa peça, daqui a uns meses já estão a fazer uma personagem totalmente diferente noutra peça, porque têm essa capacidade, conseguem fazer esse domínio. Isso não é possível na vida real. Tu tens a capacidade de fazer, de explorar todas as personalidades, enquanto as outras pessoas que não têm formação de actor têm a única personalidade delas e provavelmente não conseguem dominar outras.

E essas técnicas e esse trabalho todo de que vocês falaram permite–vos ter uma visibilidade diferente dos actos quotidianos? Quer dizer, a partir do momento em que exploram tanto os actos teatrais, conseguem aperceber–se de determinados actos quotidianos das pessoas em que não reparavam antes?

SC: Sim, sim... Eu posso dizer que principalmente olhares. Estás numa peça, o olhar pode dizer muita coisa que o acto em si não diz, a expressão corporal em si não diz. Desde que eu estou no teatro que consigo captar determinadas expressões no olhar que não conseguia antes.

VR: Para qualquer pessoa que se diga artista é assim absolutamente essencial haver essa leitura todos os dias. Mas não é assim uma coisa forçada, é uma leitura daquilo que se passa à tua volta.

SC: E até já começa a ser um hábito.



Segundo acto

Altura da entrevista em que se fala do teatro como acto que vive metamorfoses entre o dramatismo e a comicidade. Ficamos também a saber a história de umas pombas que o estimado leitor vai decidir se foram actrizes ou não.

Ainda ontem estava em conversa com uma pessoa que entrou e fez o curso de formação do CITAC este ano. Há quatro, cinco meses atrás eu dizia–lhe que ele não ia voltar a ser o mesmo e ele ontem veio dizer–me que realmente, depois destes meses, tinha percebido porque é que eu tinha dito aquilo, porque não há maneira de voltar atrás, não há maneira de passar por este processo e depois esquecê–lo.

Ainda a propósito do acto teatral, eu queria que me falassem dele como sendo um acto divertido, cómico, quando é que acham que isso acontece e se isso passa, às vezes, mais pelos ensaios do que pela representação em si. Às vezes o acto teatral pode ser muito cómico quando se está a ensaiar, pelas falhas que se tem ou pelas superações que é preciso fazer.

VR: Por exemplo, esta última peça do CITAC [3000 Verecunnia] foi bem conseguida nesses termos. Tem momentos dramáticos bem conseguidos e tem momentos cómicos muito bem conseguidos, ou seja, acho que está tudo da maneira como as pessoas às tantas juntam e fazem a caldeirada, fazem o espectáculo. Há momentos em que existem pontos dramáticos bastante grandes e outros pontos em que as coisas são mais descontraídas, em que as coisas passam melhor para o público porque exactamente não têm uma intensidade tão grande.

Os brasileiros fazem muito bem essas coisas. Por exemplo, nas telenovelas é tudo estudado ao milímetro: existem os pontos de pico, depois existe uma queda, existe três minutos em que a conversa é mais amena, depois vem outro pico e depois vem abaixo e depois estabiliza outra vez. Os espectáculos deviam todos ser assim estudados ao milímetro.

Eu acho que uma coisa muito importante no teatro -algo que também se aprende enquanto formação e enquanto técnica-, é tu estares num palco e conseguires transmitir [algo] pelas tuas palavras, pela forma como tu dizes, pelo tom de voz, até pela tua expressão enquanto o dizes. Eu acho que isso é muito mais importante do que qualquer acto que tu possas fazer naquele momento.

Mas não se podia correr o risco de... Por exemplo, nos noticiários há uma noticia boa, depois há uma noticia má, depois uma notícia boa, para assim atrair o espectador, mas quebra–lhe a ansiedade e, ao fim e ao cabo, todas as notícias acabam por se banalizar. Eu vejo uma notícia de sofrimento, logo a seguir vejo uma notícia um bocado cómica sobre algo curioso e os efeitos neutralizam–se porque eu depois saio e esqueço tudo.

SC: Isso é conforme a intensidade da notícia. Tu podes ter alternadamente notícias boas e noticias más, mas, se tiveres uma noticia má muito mais intensa do que todas as outras boas, é evidente que essa vai ser sempre o teu ponto de referência. Pelo menos, é o que na generalidade acontece comigo.

Isso é o que pode também acontecer durante as peças. Tu tens vários pontos. Tens um ponto mais humorístico, tens outro mais dramático, mas aquele que captar mais a tua atenção é aquele que vai ficar para ti. Provavelmente será um ponto diferente do vizinho que está a assistir ao mesmo espectáculo, mas isso já depende de cada pessoa e já depende do que é mais importante para essa pessoa (se é a parte dramática, se é a parte humorística). Agora eu não acho que o facto de haver alternadamente actos dramáticos e humorísticos fique tudo muito obscuro e muito banalizado. De maneira nenhuma.

Nunca vos aconteceu divertirem-se mais durante os ensaios do que propriamente nas...

SC: Isso também depende da etapa em que tu estás nos ensaios. Provavelmente no início é muito mais divertido, porque as pessoas estão naquela fase inicial em que ainda não dominam bem o texto e dão-lhe várias interpretações até atingir o ponto essencial, o ponto final, o ponto que o encenador quer mesmo. Podem surgir interpretações engraçadas, em que uma pessoa se possa rir por aquilo que fez e com aquilo que disse e não sei quê. Agora, chega–se a um certo ponto, chega–se a uma etapa final em que o trabalho até já é encarado com muito mais...

VR: ...seriedade...

SC: Exacto, já é encarado com muito mais seriedade, até mesmo sendo um espectáculo cómico, quando se aproxima aquela fase em que é necessário uma maior perfeição, em que as pessoas encaram o trabalho às vezes até com muito mais seriedade do que depois em cima do palco.

Vocês lembram–se de comentários de pessoas que viram os vossos espectáculos e que descobriram pormenores que nunca vos passaram pela cabeça?

VR: Por exemplo, neste espectáculo que fizemos de "Os Olhos" - fizemos no Convento de São Francisco, está completamente em ruínas, tinha muito a ver com o espectáculo- às tantas, havia lá montes de pombas e, num determinado ponto da peça houve três ou quatro pombas que resolveram sair e voaram. Houve espectadores que nos vieram dizer que as pombas sairam cedo demais, quando não fazia parte sequer do espectáculo. E entenderam coisas diferentes, mas isso nós estamos preparados. Acho que isso até é bom. As pessoas lêem aquilo que querem lá; não há maneira de controlar esse tipo de coisas.

Pois, por isso mesmo, porque não há esse controlo, às vezes não há certas interpretações ou apropriações de espectadores que vos irritam? Algum comentário que vocês tenham ouvido e que vos tenha irritado porque está longe daquilo que vocês queriam...

SC: Nunca nos irrita, desde que seja uma crítica construtiva.

Mas pode nem ser crítica. Pode ser uma interpretação: uma pessoa percebeu aquele gesto de uma determinada forma que vocês achem irritante. Nunca aconteceu?

SC: Pode acontecer, é natural que aconteça, mas de maneira nenhuma me irrita. Pelo contrário, pelo contrário. Isso significa que aquilo que se fez disse algo para essa pessoa, significou algo para essa pessoa. Eu acho que de maneira nenhuma uma pessoa se deve irritar.



Terceiro acto

Tempo de pular para outro assunto. Os entrevistados mostram como o teatro universitário é um movimento que provoca a deslocação entre pontos bem diferentes. Descubra quais.

O acto teatral pode ser entendido como uma espécie de salto com as vertigens que lhe são inerentes.

Na Exposição "O Acto" nós vemos, aliás, uma montagem em que há uma sequência de um salto. Isso chamou–me a atenção, porque se calhar o entrar no teatro, o fazer ensaios e o representar têm um bocado a ver com os saltos e com a vertigem que lhes está associada.

Sentiram em alguns momentos algumas tentações e algumas vertigens, nesse aspecto figurado que eu estou aqui a falar -durante os ensaios e antes dos ensaios, durante tudo o que rodeia o teatro?

VR: Para mim foi sempre isso até hoje. Quer dizer, para mim, é difícil passar por estes anos todos dentro deste esquema e esquecê–los.

Ainda ontem estava em conversa com uma pessoa que entrou e fez o curso de formação do CITAC este ano. Há quatro, cinco meses atrás eu dizia–lhe que ele não ia voltar a ser o mesmo e ele ontem veio dizer–me que realmente, depois destes meses, tinha percebido porque é que eu tinha dito aquilo, porque não há maneira de voltar atrás, não há maneira de passar por este processo e depois esquecê–lo.

Isso concretiza–se em quê, essa mudança?

VR: Mudança de personalidade [risos], da maneira de estar, de encarar as pessoas.

SC: Até de encarar determinados actos das pessoas.

VR: O teatro universitário tem muito um carácter de formação. As pessoas quando vêm para o teatro universitário também procuram algo que nunca tiveram antes. Alguns procuram à vontade, alguns procu-

ram estar num meio artístico, vá lá, num sentido muito figurado. Ou seja, as pessoas quando vêm, também já têm uma certa ansiedade, procuram alguma coisa.

E era aquilo que eu te dizia: não há maneira de passar por aqui e de não passar por um processo muito profundo em termos pessoais, porque tu estás a construir uma personagem e estás a perguntar–te a ti mesmo porque é que tu não fazes aquilo de uma determinada maneira ou doutra. Estás a perguntar–te o que é que tu pensas que essa pessoa deveria fazer. Ao fazeres isso, já estás a mergulhar num campo muito interior e que, às tantas, montes de pessoas não estão habituadas a fazer quando vêm para o teatro. É por isso que eu te digo que é impossível desligar, as pessoas mudam, as pessoas mudam a maneira como observam o quotidiano.

A maior parte das construções de personagens são feitas assim. É a observação das pessoas que tu vês lá fora. Tu estás a fazer o papel do mendigo. Não vais fazer o papel do mendigo sem nunca teres visto um mendigo. É impossível, a menos que inventes um mendigo que não tem nada a ver com... Quando estás a fazer de mendigo tens que observar como é que o mendigo reage, como é que o mendigo pede, como é que o mendigo isto, como é que o mendigo aquilo e como isso todas as outras personagens.

Esta técnica é própria do princípio do século, do Stanislavski, que dizia que, para fazer uma construção de personagem, era preciso mergulhar e viver, viver o papel da personagem viva. Essa verdade, hoje em dia, já não é assim muito, muito verdade. Já há outras vertentes. Já há outros pontos que tornam as coisas realmente diferentes. O teatro–realidade que Stanislavski defendia já foi, de certa maneira, ultrapassado.

Sara Velez



"O Meu Caso", pelo TEUC

susana Paiva



"3000 Verecunnia", pelo CITAC

Por aquilo que estavas a dizer, depreendo que o teatro universitário é, digamos assim, o modo de algumas pessoas darem o salto da insegurança para a segurança, de um conhecimento com algumas falhas para um conhecimento...

VR: Adquires, na formação de teatro, técnicas que te são essenciais e sentes-te mais à vontade no dia-a-dia, quando vais para uma entrevista. Aprendes técnicas de projecção de voz e de dicção que são essenciais para fazeres rádio, para fazeres entrevistas, para fazeres esse tipo de coisas. Aprendes a sentires-te à vontade com o público, as pessoas a olharem-te.

Eu, por exemplo, aqui há cinco anos atrás, era impossível eu estar a dar-te esta entrevista. Devia estar aqui a gaguejar todo. Ainda hoje gaguejo, mas sinto-me muito mais à vontade, porque já me senti olhado, já me senti observado, já passei por um processo que me permite a mim ter à vontade para fazer este tipo de coisas.

Há montes de gente que também procura no teatro uma certa terapia; existe teatro de terapia, não é nada de novo.

Sandra, não sei se queres falar mais sobre este aspecto do acto teatral como salto.

Adquires, na formação de teatro, técnicas que te são essenciais e sentes-te mais à vontade no dia-a-dia, quando vais para uma entrevista. Aprendes técnicas de projecção de voz e de dicção que são essenciais para fazeres rádio, para fazeres entrevistas, para fazeres esse tipo de coisas. Aprendes a sentires-te à vontade com o público, as pessoas a olharem-te.

O acto teatral pode ser esse tal salto entre a insegurança e a segurança, mas pode ser um salto entre coisas diferentes...

SC: Eu também vejo o acto teatral como uma forma de interiorizar muitos dos sentimentos, muitas das atitudes. Eu acho que uma coisa muito importante no teatro -algo que também se aprende enquanto formação e enquanto técnica-, é tu estares num palco e conseguires transmitir [algo] pelas tuas palavras, pela forma como tu dizes, pelo tom de voz, até pela tua expressão enquanto o dizes. Eu acho que isso é muito mais importante do que qualquer acto que tu possas fazer naquele momento.

Tu podes estar sentado numa cadeira e passar um espectáculo inteiro a dizer um texto, mas o facto de tu teres interiorizado totalmente aquilo que o texto diz é extremamente importante e o facto de o conseguires transmitir para o público eu acho que é uma das técnicas mais... é algo que se aprende no teatro e é algo que fica mesmo, pelo menos, comigo.

André de Brito Correia

ActoAcção

Fala–se de Teatro e do Acto. De ir à procura. De talvez encontrar. Um mundo. Um eu. Um nós. Um significado. É fácil encontrar um significado para coisas que, de alguma forma, nos apaixonam. O ser humano apaixona–se pelo fazer de conta do dia–a–dia, pelos enredos que cria e pelos que já estão criados.

Só que, por vezes, há quem prefira transpor o fazer de conta do quotidiano para outros planos. Há quem goste das revelações trazidas por seres híbridos -a personagem e o nósum ser alternativo, no fundo... Com aplausos no fim e reacções pelo meio -pormenor importante e ilusório.

Assim sobe o pano. Por momentos encontra–se o Quase que, às vezes, quase se consuma num Por Fim. Absolutamente. Dá–se a volta à esfera, pressente–se com lucidez um Eu que não se vê, não está lá. No momento, entranhas, corpo, cérebro, tudo pulsa num ritmo de inferno. A importância vital de cada movimento, a dureza de cada passo, a precisão de cada movimento, de cada gesto. A voz ouve–se por outros ouvidos, os pensamentos são emprestados. Obedece–se à vertigem de um salto. Sim. O cumprir de um Destino que não nos pertence. (É importante que se note).

Desce o pano, volta–se à luz natural, aos cenários, aos adereços do dia–a–dia. Ao Quase que se consuma de uma forma mais real. As histórias vividas ficam no palco escurecido e o palco escurecido passa a ser uma pequena parte de cada um, não a mais importante. Afinal, somos seres da luz natural, no fazer de conta do dia–a–dia!

Sara Velez



Elementos do elenco de "O Meu Caso" do TEUC

Tudo isto a propósito do Teatro, do Acto, do que se quiser.

Rita Simões

3000 Verecunnia

Entre os dias 15 e 24 de Maio, deu–se a conhecer um pouco de Boris Vian a Coimbra. Entre músicas, exposições e documentários destaca–se a peça do CITAC, encenada por Carlos Curto e baseada no romance O Arranca–Corações, "3000 Verecunnia".

Susana Paiva

Do livro destacam–se quatro aspectos que, a meu ver, o CITAC conseguiu transpor bastante bem para o palco.

Em primeiro lugar, a Feira dos Velhos, em tudo análoga a uma feira de escravos do século passado.

Em segundo, a Barca da Vergonha, para onde convergem todos os males desta população. A maneira como se tratam os velhos, os animais e aqueles cuja condição social é inferior é paga para ser esquecida. Os "podres" desta sociedade são objectivados nos pedaços de corpos putrefactos que o homem da barca Gloira apanha com a boca.

Estes dois aspectos, embora tratados com ironia por Boris Vian, são factos reais com que nos deparamos todos os dias. A nossa sociedade é capaz de pagar para esconder os seus idosos, os seus pedintes e toxicodependentes. A Barca da Vergonha não será um pouco os nossos Asilos e Casas de Repouso?



"O padre comporta-se como um actor perante a população"

Em terceiro lugar, e talvez seja este o ponto mais abrangente do livro e da peça, é o superprotecionismo da mãe em relação aos seus três filhos, Joel, Noel e Citroen. De uma total indiferença para com eles no início, passa para uma obsessão doentia. Penso que o CITAC conseguiu demonstrar isso muito bem, nomeadamente através do monólogo de Clementina, mas, numa opinião puramente pessoal, há passagens no livro (como o bife podre dentro do armário) que poderiam ter sido utilizadas para uma melhor continuidade da peça. De qualquer maneira, foi um discurso bastante clarificante e sensível.

Por último, o papel do padre que será uma sátira à Igreja. O padre comporta–se como um actor perante a população, que é receptiva a esse "teatro". É o "fazedor de milagres" interessado somente no dinheiro e no luxo. Não nos fará lembrar alguma coisa nos dias de hoje?

No fim da peça, deparamo–nos com a obsessão de Clementina a ser concretizada, ou seja, a enjaular os seus filhos para que eles não sofram os malefícios do exterior. Jaimemorto, aquele que nos serve de guia através da sua visão chocada perante a devassidão da população, acaba por ser ele próprio o timoneiro da Barca da Vergonha.

Peca este fim pela saturação de cenas que se passam nestes últimos minutos. É uma sequência muito rápida e para quem não tenha lido o livro pode ter sido imperceptível.

Apesar de tudo, acho que a peça está bem conseguida. O CITAC deixou as suas ideias um pouco rebuscadas e superficiais para se debruçar sobre coisas mais concretas. Aliado a tudo isto, há a referir um bom trabalho de cenografia, desenho de luz e uma banda excelente enquadrada na peça. Parabéns!

Diana Silva Dias

PLANETÁXO

Coimbra, 2 de Junho de 1995

Venho com esta carta, mostrar o meu descontentamento perante a banda desenhada, ou como foi chamada, "fotonovela", que começou a ser publicada na edição de Maio de 95 do Jornal "A Cabra", tendo como titulo: "A Interminável Luta pelo Plane'Taxo".

A arte de caricaturar é, ou pelo menos deveria ter como objectivo ser, a arte de criticar de maneira inteligente, uma sociedade, uma situação, ou uma maneira de pensar. Não é, nem nunca o deveria ser, um modo de crítica fácil, sem objectivos, dizendo mal apenas por dizer, esquecendo a consciência formadora que o jornal onde esta é publicada deveria ter.

A referida "fotonovela", alem, do título atrás mencionado, tem logo como introdução:

"Desde há muitos milhões de anos que a cobiça pelo Plane'Taxo desperta os interesses dos altruístas e benevolentes habitantes dos países vizinhos..."

continuando depois com uma apresentação dos dois candidatos do momento "Rozhita" e "Nuhn'Freiras", em clara alusão à Direcção Geral (D.G.) da Associação Académica de Coimbra (A.A.C.), Zita Henriques e Nuno Freitas .

O motivo do meu protesto prende–se exactamente com o título e a essência crítica da "fotonovela" em causa, que mereceu, segundo critérios por mim difíceis de descortinar como sensatos ou razoáveis, referência em primeira página, sendo aliás, pelo espaço ocupado, a noticia de maior destaque logo a seguir à da entrevista com a nova Presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra.

Comparar a D.G com o "Plane'Taxo" é um acto cobarde, medíocre e injusto, indigno de vir publicado no único jornal da Academia. Medíocre, porque recorre à crítica mesquinha, despida de objectivos, procurando aceitação imediata, não se preocupando com as suas consequências nem com a veracidade das suas acusações, tornando-se irresponsável na medida em que é esquecida as orientações que deveriam nortear a publicação em que está inserido.

A cobardia é revelada na generalização que é feita, confundindo o trigo com o joio, sem a coragem de ir mais além, de fundamentar acusações, ou mesmo de desmacará–las no caso de existirem. A leviandade com que é feita, prejudica a imagem de toda uma Academia, injustiçando todos os anteriores presidentes desta Academia, bons e maus, que dedicaram mais ou menos tempo a uma causa que devia ser de todos e que se resuma a tornar a Académica mais forte, esta mesma Académica que deve ser de todos .

Como podemos nós homenagear os Presidentes do passado, dizendo depois que foram presidentes não de uma Academia, mas de um Plane'Taxo? Porque não são algumas pessoas, que pontualmente passaram pelas sucessivas D.G.'s da A.A.C. que esta "fotonovela" vem pôr em causa, mas sim todas elas, futuras e passadas. E posto em causa, também, não só o conceito de D.G., como todos os estudantes que compõem esta Academia, e que contam com os elementos da D.G. para verem defendidos os seus interesses.

Não é com este tipo de argumentos que se torna uma Académica mais forte. Não é denegrindo o cargo de Presidente da Direcção Geral que se faz com que as coisas mudem. Antes pelo contrário. Afastam-se aqueles que querem trabalhar, que podem fazer algo de diferente, deixando o lugar vago para os que indiferentes a tudo, e apenas se interessam com promoções pessoais ou partidárias. Não podemos esquecer todos os que se empenham para ajudar um equipa a ser eleita porque tem projectos, ideias e objectivos, pelos quais gostariam de trabalhar e lutar por eles. Elementos que mesmo saindo vencedores, terão como única recompensa o ter de perder horas, lutando por aquilo em que acreditam, sem nunca serem conhecidos, nem esperarem tirar daí proveitos pessoais, além do inevitável prazer que é ver uma obra concluída.

Coimbra e a sua Academia sempre souberam ser diferentes. No actual estado politico nacional, em que os partidos e quem manda neles se sobrepõem às ideias, em que vemos as várias Associações Académicas nacionais serem constatemente assediadas por jovens que as usam como trampolim para a sua futura vida política, em Coimbra, há quatro anos que nenhuma lista partidária tem conseguido ganhar as eleições, provando assim que a diferenca é algo que se conquista e que não se compra. Dificultar a acção de quem quer fazer algo de novo, inibindo os candidatos vindouros, rotulando-os já de "candidatos ao Plane'Taxo", não e justo e muito menos dignificante. "A Cabra", como Jornal Universitário de Coimbra que se intitula, deveria também empenhar–se nessa luta por uma Academia melhor; e em vez de denegrir o posto de D.G., talvez fosse melhor acompanhar mais de perto a sua actuação, anunciando o que esta faz de positivo, e denunciando tudo o que ela faz de negativo, para que assim, todos aqueles que dão azo a que se digo que a D.G. é um "Taxo", sejam eles os penalizados e não a instituição que eles representam.

Caro senhor Director: este é o meu protesto. Não o fiz para ser publicado, pois a minha opinião, não mais e do que isso, e decerto muitos não estarão de acordo com ela, em particular, os autores da "fotonovela" a quem gostaria que lhes mostrasse esta carta. Contundo fiz aquilo que julgo deveria ser feito. Indignar-me contra a mensagem ofensiva que o seu jornal foi portador. Gostaria que algo fosse feito para o reparar. Se tal não acontecer, gostaria então que me explicasse os motivos, caso existam.

Sem mais, despeço–me de momento

Cesar Páris

Nota da Redacção

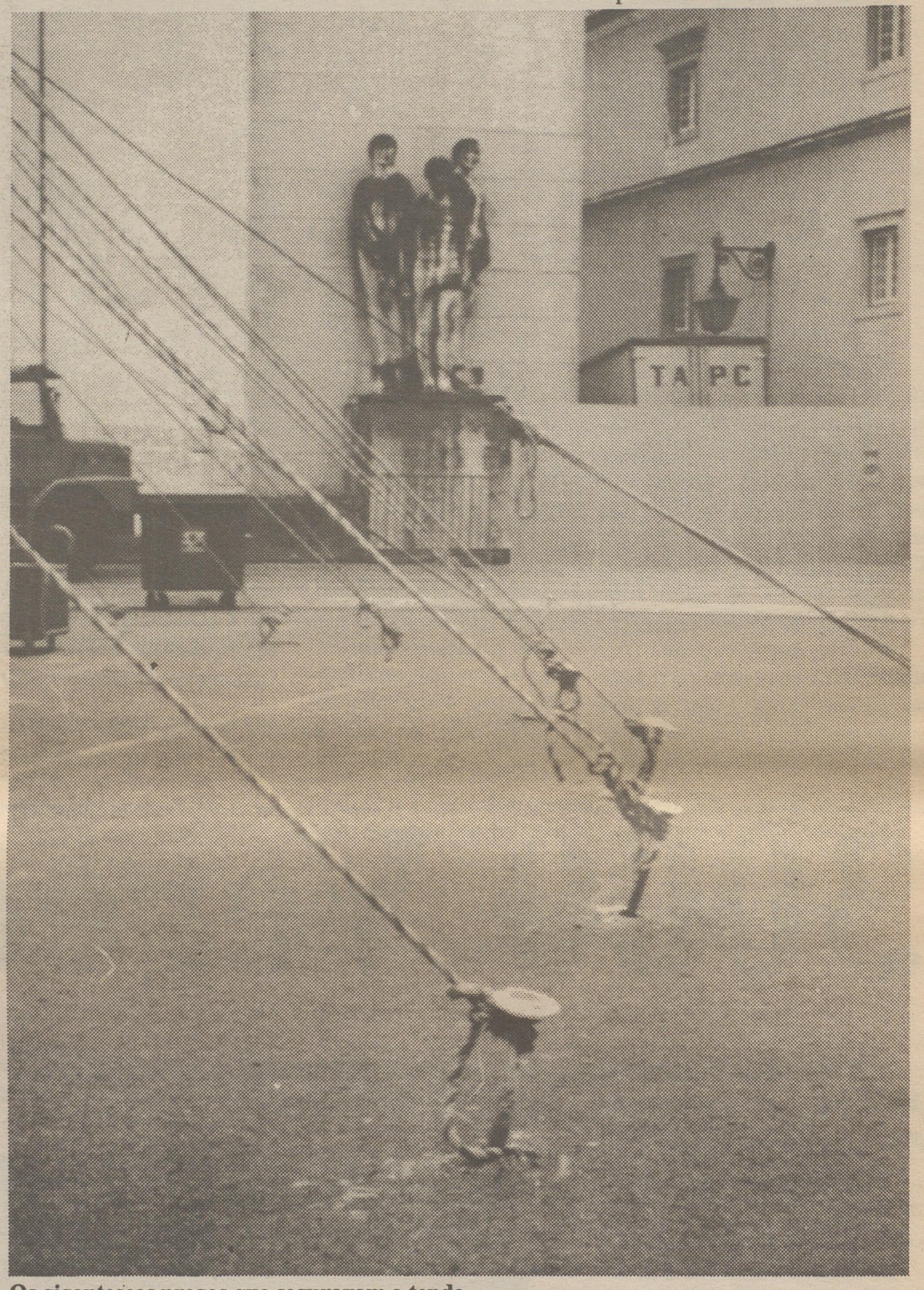
A Cabra orgulha-se de ser um jornal que, por não depender de qualquer interesse estabelecido, é um espaço de liberdade para aqueles que o fazem. Os autores da referida fotonovela pretenderam recriar um "estilo" literário-jornalístico caído em desuso. E fizeram-no da forma o mais inofensiva possível, encontrando nas politiquice "made in AAC" o pretexto para o seu argumento. Considerar que rotular de "Plane'táxo" a Direcção-Geral é uma ofensa aos que nela trabalham é confundir uma brincadeira despretenciosa com uma conotação política que não esteve nunca em causa. Pior, ao invocar o sacrossanto nome da Académica faz lembrar aqueles que a acham tão importante que nada nela deve ser posto em causa. Triste destino o meu se em nome da Académica tiver que usar um lápis azul.

Tiago Maranhão

Rave Party

Exmo. Senhor Director,

Agradecia muito que publicasse a seguinte Carta Aberta que pode ser útil para a cidade de Coimbra. Juntamente com a carta está uma fotocópia a cores de fotografias tiradas nos dias 6 e 8 de Maio.



Os gigantescos pregos que seguravam a tenda

CARTA ABERTA à Comissão Central da "Queima das Fitas" 1995 e à Câmara Municipal de Coimbra.

Exmas. Senhoras e Senhores,

Queria–vos chamar a atenção para o estado do pavimento entre a Biblioteca Geral e a Faculdade de Letras. Esqueceram–se de tapar os buracos deixados pela tenda da Rave Party (realizada no Sábado, dia 6 de Maio).

Como eu, desde logo, previ o vosso "esquecimento", ou para ser mais directa, a vossa irresponsabilidade, tirei fotografias aos pregos enormíssimos que foram utilizados para manter a tenda em pé.

Sem dó, os passeios que ficam junto aos dois edifícios já referidos, foram (aqui e ali) destruídos; e aposto que quando acharem que os devem reparar (e não são só os passeios, a estrada também precisa de reparação) nunca mais terão a mesma apresentação.

A Rave Party nunca deveria ter sido realizada naquele local: (1) A Universidade é uma zona patrimonial. (2) As vedações bloquearam a passagem aos turistas que queriam ver as Faculdades. (3) A zona é uma área com cimento, não de terra. (4) 0s passeios não são passeios quaisquer. São calçadas com desenhos bonitos e pedras caríssimas que temos de conservar.

A partir do momento que decidiram pôr a tenda/circo naquela zona deveriam ter tomado as devidas providências. Na mesma altura em que os pregos estavam a ser extraídos, os buracos/crateras deveriam ter sido tapados(as). Porque se eu e as outras pessoas que vivem em Coimbra quisermos ver a Lua, desde que estejamos em boas condições físicas, podemo–nos candidatar à N.A.S.A.!!

A "Queima das Fitas" não pode ser uma Festa contra a cidade, mas para a cidade. As comissões centrais e as câmaras municipais têm de abrir mais os olhos e trabalhar em sintonia para limpar, fiscalizar, não autorizar se necessário,etc.

Será que as fortunas que a "Queima das Fitas" faz anualmente ainda não deram para comprar um terreno para este tipo de realizações? Já não aguento ver pedacinhos de garrafas de cerveja por tudo quanto é sítio, que nunca chegam a ser reciclados, é claro! Não me digam que agora vou ter de suportar, por tudo quanto é sítio, pedações de pedra das calçadas!

Termino com os melhores cumprimentos,

Filomena Conde
Coimbra, 30 de Maio de 1995.

CINECLUBE DE COIMBRA

O florescer de uma paixão

Coimbra, cidade pela qual se passa e nada se deixa? Quem disse? Alguns estudantes, na sua passagem pela cidade universitária, deixaram uma parte deles mesmos, algo pelo qual se apaixonaram e se projectaram.



D.R.

"O Zéfiro", de José Álvaro Morais

Entre nós, Armando Agurez e Vanda Ribeiro da Silva, ambos estudantes de Direito, assim como a sua equipa, estão a contribuir em muito para a promoção da cultura cinematográfica.

Assim, vai a onda de uma paixão.

Recorreram no início a diversos meios para saciar a sua paixão, assistindo à exibição de filmes, juntando–se a várias associações de cinéfilos (Centro de Estudos Cinematográficos da AAC, Cineclube de Vila do Conde, etc).

Mas isto acabou por se tornar insuficiente, era preciso mais, passar à acção tornou–se iminente.

Decidem então criar uma associação, projecto ao qual vieram a aderir outros cinéfilos. Em homenagem ao grande cineata Fellini, deram-lhe o nome de 8'/2, Centro de Arte e Cinema. Tem como objectivo fomentar a cultura cinematográfica. Tenciona abranger vários tipos de actividades, como a organização de ciclos de cinema, o apoio de iniciativas que desenvolvam o cinema em Portugal ou ainda promovendo acções de formações, etc..

Em pleno 1º centenário da sétima arte, o 8'/2, decidiu devolver à cidade de Coimbra o seu Cineclube, que há anos atrás tinha vindo a extinguir–se, tendo como principais fundadores além dos nossos dois estudastes de direito, Pedro Medeiros, um dos obreiros do Encontros de Fotografia de Coimbra e Gonçalo de Barros, formado em montagem.

Com o patrocínio do Instituto Português da Juventude, o apoio da R.T.P., a colaboração da Fundação Gulbenkian e do Teatro Avenida, o Cineclube de Coimbra arrancou as suas actividades lançando um importante ciclo de cinema, dedicado a um dos nossos grandes cineastas, José Álvaro Morais.

A "Acção José Álvaro Morais" (nome dado ao ciclo), incluiu a projecção, na sala de Estudos Cinematográficos da FLUC, de "Cantigamente" (1976), "Ma femme chama-da bicho", documentário realizado em 1976 sobre Vieira da Silva e Arpad Szènes; também se assistiu no cinema Avenida, com a presença do próprio José Álvaro Morais, à exibição de "O Zéfiro", "O Bobo" e em estreia mundial, na R.T.P. 2, o seu último filme, "A Margem Sul".

A concluir este evento, a publicação de um caderno sobre o cineasta incluindo textos originais de várias críticos cinematográficos nacionais como Lauro António, João Mário Grilo, António Cabrita, Abílio Hernandez Cardoso e Fausto Cruchinho, incluindo ainda uma entrevista em exclusivo, concedida pelo realizador a António Loja Neves e Armando Agurez e ainda excertos de "A Corte do Norte", projecto doe Álvaro José Morais.

O Cineclube de Coimbra tem muito que dizer, projectos de ciclos de cinema não faltaram -serão divulgadas as suas actividades através de um boletim bimestral que será distribuído gratuitamente. Estarão então convidados os cinéfilos de Coimbra a aderir às suas actividades do Cineclube.

Actualmente, o clube prepara o lançamento de um livro sobre a história dos óscares: "óscares, noites americanas 1927-1995" da autoria de Maria João Martins, redactora no jornal de letras, professora universitária e igualmente autora de "Paraíso Triste" (1995) e "Divas, Santas e Demónios" (1995).

Finalmente, como último e grande desafio do 8'/2 Centro de Arte e Cinema, está o projecto de uma magnífica homenagem ao cinema e a um dos seus mestres, o dinamarquês Lars von Trier. Com o "Evento Lars Von Trier" pretende–se realizar uma reportagem de grande envergadura compreende um documentário ficcional a ser rodado por Armando Agarez, bem como um trabalho de suporte fotográfico, a cargo de Susana Paiva. Prevê–se igualmente a exibição da obra integral do cineasta e relacioná–lo intimamente com o expressionismo alemão e a obra de Carl Dreyer, Orson Welles, Tarkovsky. Um evento que sem dúvida promete dar muito que falar.

O Centro de Arte e Cinema, o Cineclube de Coimbra e as actividades que os rodeiam não são mais do que uma prova do que estudantes são capazes de fazer, ao concretizar as suas paixões.

Como as árvores que nascem, se erguem, florescem e frutificam, assim surgem e se afirmam as paixões na cidade de Coimbra.

Ana Maria Duarte



JULIÃO SARMENTO NAS CALDEIRAS

"QUATRE MOUVEMENTS DE LA PEUR "

Está patente até 31 de Agosto no Edifício das Caldeiras ,uma exposição fotográfica de Julião Sarmento, um trabalho pós–conceptual, inédito de 1978. Julião Sarmento é visto como um fotógrafo de renome mundial, de repertório bastante extenso. Produziu nos anos 70, em conjugação com outros artistas, um trabalho pouco explorado em Portugal, que se inseriu no domínio da arte conceptual (movimento que foca o dilema da verdadeira natureza do real: se a ideia geral ou conceito, se o objecto particular) e pós–conceptual.

O que se pode dizer destas fotografias é que não existem em sí só enquanto imagens, mas mais enquanto sentimentos e enquanto provocadoras dos mesmos.

Primeiro, são "feias", agressivas, inseridas numa atmosfera nocturna de movimento ou calmia angustiante. Estão marcadas pela ausência, pela subtil presença erótica e presença de uma mulher não explorada na sua presença física, mas no terror da fuga de algo.

Segundo, são "atraentes" por tudo isso. A apoteose da dor, que leva o observador a captar a sua realidade, interpretando-a de acordo com os medos e melancolias no seu subjectivo ou objectivo decorrer vivencial.

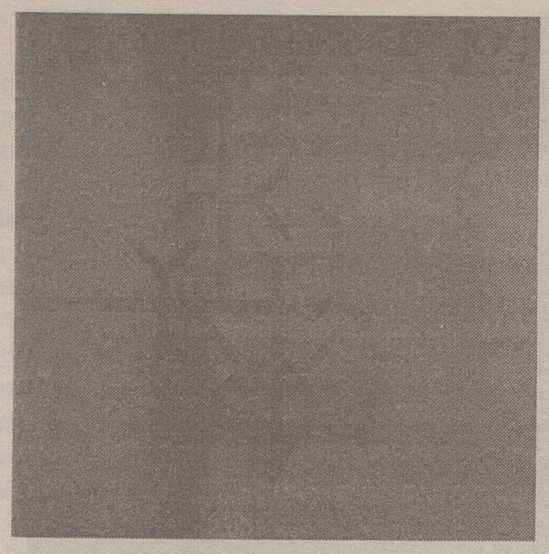
Arte ou perversão, eis a questão!

F.H.

Parece definitivamente criada a fase de estabilização das páginas das Falanges do Imperium. A "fórmula" usada nesta edição, é em tudo igual ao anterior número, as críticas são apresentadas em ordem decrescente de importância, e o espaço dedicado às bandas de Coimbra continua desta vez com os Slicking Lizzards.

É evidente que quando se junta rock, gótica, experimental, improvisação, ambiental e por aí fora numa só listagem, a ordem tem essencialmente de partir do gosto pessoal, e esse, está patente via Rádio Universidade de Coimbra aos domingos das 19.00 às 21h.00.

Adolf Fini



Strength Through Joy
(dark nose)

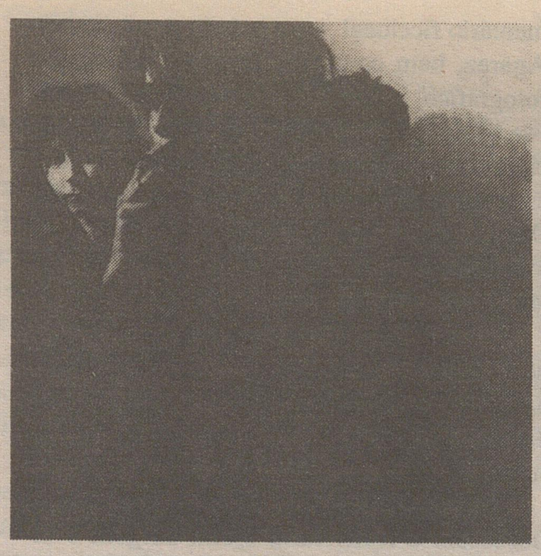
São australianos e, simultaneamente, a mais recente descoberta das intermináveis viagens de Douglas P. (Death in June).

A sonoridade, como seria de esperar, está ligada aos Death in June (o próprio Douglas P. participa no projecto). Este "Dark nose" foi a antecipação do CD "The Force of Truth and Lies", também ele já disponível.

O selo é da Twilight Command, que não é mais que o nome de guerra da subsidiária Croata da Ner.

Se a listagem os coloca em primeiro, desnecessário se torna continuar a falar destes Strength Through Joy. Para bom entendedor meia crítica basta!?!

(Twilight Command)



The Chrome Cranks
(Dead Cool)

Em 1992 deixam Cincinnati (Ohio) e instalam–se em New York City. Nos primeiros anos vão–se ligando a elementos como Jim Thirwell (Foetus) ou Bob Bert (ex–Sonic Youth), para realizarem os 5 singles que antecipam, em 94, "Chrome Cranks", o primeiro longa duração.

"Dead Cool" é o mini–LP que fecha (por agora) a discografia e serve de base à Tour Europeia, a realizar este mês.

E quanto ao som dos Chrome Cranks, tentem ouvir Cramps a metade das rotações, juntem–lhe Fall do início de carreira, uma pitada de Gun Club, tudo isto dentro da capa de um disco dos Scientists. É que a Crypt continua a ter o orgulho de não apresentar um único grupo, que seja identificável com coisa alguma!

(Crypt-95)

Guitarmania Volume 1
(Colectanea)

O volume 1 desta nova investida finlandesa não é mais do que um "lavar de rosto" às habituais colectâneas reindeer rock, que todos os anos apresentam uma compilação de alguns dos mais importantes grupos lá da terra.



Para os mais atentos, a Finlândia tem conseguido "fabricar", nos últimos anos, algumas, das coisas mais interessantes que se vão desconhecendo por ai. Estas colectâneas servem essencialmente de "bola de cristal", para as apostas ou confirmações num futuro próximo.

O podium fica com: as confirmações dos Hybrid Children e The Pansies, e a apresentação de Chickweed Wintergreen (ainda sem registos), ex–aequo com os pouco conhecidos The Hitmen 3.

(Stupido Twins records-95)



Head on fire
(Nostalgia)

Quando a encomenda tem o remetente da Sound of Delight, a garantia é por si só logo preservada.

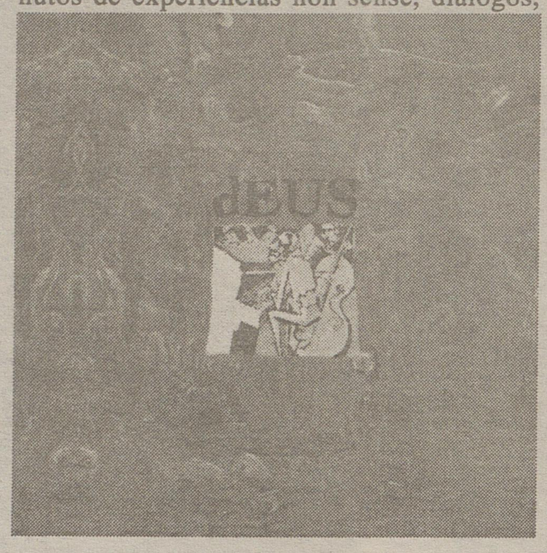
Este é o primeiro CD dos berlinenses Head on Fire, que o press–release classifica como: "A strong mixture of Guitar–wave with new interpret mystic and rough gothic–elements..." Por outras palavras o gótico já habitual da Sounds of delight.

O trio Lohoff, Gottert e Forster está junto desde 1991 e conta com o apoio em Inglaterra da "The Primary" para a divulgação deste "Nostalgia". Só para colecionadores de Dreadful Shadows, Fields of Nephilim, Cassandra Complex, Age of Heaven, Sisters of Mercy, Cream 8...

(Sounds of Delight-95)

dEus
(My sister=My clock)

Depois de "Worst Case Scenario?", e do concerto de Coimbra em Maio último, quem ouvir os 25 minutos deste mini CD, vai no mínimo, passar–se dos carretos! São 25 minutos de experiências non sense, diálogos,



acústicas mais cócós, lado a lado com um rock menos acessível tipo "Trespassers W", tudo isto em 13 temas colados, com pitadas dos dEus já conhecidos aqui ou ali.

(Island 95)

Ita–Saksa
(Kontrol)

É já o quarto registo da Zengarden. Os finlandeses parecem não se cansar de investir



na internacionalização dos seus grupos, que provocou o salto dos Amorphis, Waltari, Kyyria, etc.

Desta vez o som vai (segundo o press–release) para o hard–core techno.

Apresentam a banda, ao lado dos Nitzer Ebb, Daf, Ministry, Rage Against The Machine e Neubauten. As referências são excelentes, os Ita–Saksa é que não chegam lá.

P.S. Se houver aí algum entendido que saiba qual é o terceiro registo da Zengarden é favor de comunicar... dão–se alvíssaras.

(Zengarden-95)



Killdozer
(God hears pleas of the innocent)

Desde 89 que os Killdozer lutam pela glorificação do marxismo.

Este é já o sexto registo em longa duração; a capa apresenta quatro inocentes carneirinhos saltitantes, que eu prefiro abdicar de comentar...

Mas seja em que arte for, é sempre agradável reparar que por vezes os ideais políticos não aparecem disfarçados. Mesmo que isso leve à escomunhão do grupo por parte de certos "democratas".

Quanto ao disco em si, é um conjunto de boas intenções, com dificuldade de passar daí. Será congruência com o que é glorificado!?!

(Touch& Go-95)



The best of Silver Wave vol.3
(colectanea)

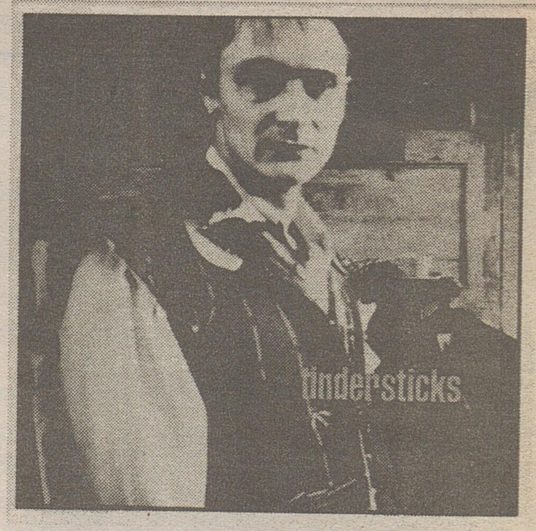
A Silver Wave é apresentada como sendo uma editora na linha da "new–new age" que a Heart of Space comanda.

Por razões que a própria razão desconhece, continua a demorar uma eternidade a chegada a Portugal de trabalhos desta área. Este é o ultimo trabalho da Silver em 94, mas só agora está disponivel na rede de lojas Strauss (distribuidor oficial em Portugal).

Logo à primeira audição, existe um desmarcar directo com a Heart of Space, já que a Silver Wave junta à composição electrónica, uma influencia clássica, por vezes com um cheiro da própria World Music. Lado a lado, temos os samplers, as guitarras acústicas, um piano...o que com excepção de Davol nunca nos leva à Space Music da Heart of Space!

Como aposta fica Davol e a voz de Neelam Shrestha (directamente do Nepal para os puristas da World Music).

(Silver Wave)



Tindersticks
(Tindersticks- second album)

Já no primeiro album não os achei excepcionais. "Apenas" achava estarmos na presença de um album com alguns excelentes temas, e outros que representavam um perigo iminente para o futuro do grupo: pelos vistos

os receios eram fundados! Este segundo album pouco tem de relevo, e mesmo os temas Tiny Tears, No more affairs ou Snowy in F#minor não disfarçam uma calmaria cansativa, que por muito perfeita, acaba sempre por ser apenas... um bom sonorífero!

(Quicksilver, recording 95)



Kiodyssea
(Migrations)

Calculem um violinista clássico (Jacques Derégnaucourt), que um dia resolve revolucionar o seu instrumento e explorar um novo som. Para isso junta ao violino uma série de sons electrónicos, com o fim de obter um encaixe perfeito, entre a ambiental electrónica e as leituras clássicas de um violino. Agora coloquem este homem com a experiência de quem já esteve ao lado de Hector Zazou ou Paul Haslinger, e que agora pretende assinar um trabalho algures entre a improvisação e a composição: é aqui que nasce Kiodyssea. Mas todo este princípio prometia mais...

(E.P.S.L.)



lease, é ao vivo que eles se sentem bem, e deixam transparcê–lo bem neste disco.

(ADM-95)

Whiteout (Bite it)

É uma aposta forte da Silvertone Records. Foram banda de suporte dos Oasis e dos The Charaltans e têm agora, finalmente(?), o seu primeiro CD editado.

A capa de Bite it contém um chocolate de



marca Whiteout, com uma aparência Mars. O problema, é que depois de provado, o que nos sai é um daqueles chocolates chungas espanhóis, sem pónta por onde se lhe pegue!

Enfim, é a congruência total; vocês não conhecem nada dos Whiteout, em compensação não perdem nada. A Silvertone tem muito melhor em que apostar...lembram–se de no último numero se falar dos Solar Race?

(Silvertone Records-95)

W.S.f.O.

VON HARALD "SACK" ZIEGLER

14

Harald Sack Ziegler
(W.S.F.O.)

Depois de "parp" e "Sack neil", este é o terceiro registo que me chega às mãos de Harald Ziegler.

A ideia que me fica da correspondência mantida, nos últimos dois anos, com Harald, é que este multi–instrumentista navega nas arcas independentes com enorme facilidade: tanto faz um album que é uma peça inteira em orgão de igreja como este "W.S.F.O.", como de seguida pode retornar ao mais popularucho e divertido estilo feirante. Como continuo a preferir a diversão de antigamente, espero desde já pelo próximo.

(Ur–kult releases-95)

Ne Zhdali
(Whatever happens, twist!)

Calculem seis "apanhados" a tocar o que lhes dá na cabeça, na pura improvisação. A esta situação juntem o apoio declarado das editoras ADM (Holanda) e Rec Rec Music (Suiça).

É evidente que a semi–improvisação não leva o génio de John Zorn. Mas é o resultado de uma banda dividida por 3ooo kilómetros (dois elementos vivem na Suiça e os restantes quatro na Estónia). Segundo o press–re-



The nectarine nº9
(niagara falls)

Já não ouvia falar dos Nectarine nº9 desde "Un–loaded for you". Como novidade, neste "Niagara Falls", fica a mudança para a canadiana Shake The Record Label, apesar da antiga editora Postcard, ainda ter algo a ver com a história.

Os Nectarine nº9 continuam a apostar forte na imagem fotográfica. Uma aposta acertada, se tivermos em conta que de resto pouco têm para oferecer.

O melhor é ainda do tempo de "Un–loaded for you" e mesmo isso...

(Shake the Record Label)

formação: João Taborda
Ramiro Pastorinho
data de formação 1/95

SLICKING LIZZARDS







VIAGEM PELA QUEIMA DAS FITAS 95

Barracas da Queima

UM ABRAÇÃO PARA OS "CABRAS" DESDE B 5/94

As baixas em alta

Uma certa barraca sofreu este ano a duplicação da sua clientela. Não, não foi a das fodinhas, muitos aproveitaram a boleia do TGV e foram fazer companhia aos técnicos baconianos que prestavam assistência na Cruz Vermelha.

Entendemos dever agradecer aos referidos técnicos a suprema compreensão manifestada aos seus doentes que ia ao ponto de aderirem activamente ao ambiente de eufórica embriaguês sempre patente no parque.

Foram assistidas mais de trezentas vitimas, 90% das quais foram mulheres.

Meninas, a emancipação feminina não passa por se ficar embriagado ao ponto da inconsciência! Saiam durante todo o ano, aprendam a beber, e não se esqueçam que não é a quantidade que interessa mas sim o prazer que o álcool nos proporciona.

Paulo Antunes



Pedro Abrunhosa

Barraca 3
O (des)apoio da CMC

Cobrança de taxas de ocupação de espaços de domínio público altíssimas; atrasos na entrega das chaves das barracas; abastecimento de água por demais insuficiente; dificuldades na instalação de energia eléctrica; e serviços públicos só assegurados à custa de muitas, muitas mãos barradas com bilhetes gerais...

Desde há já algum tempo que as diversas Comissões Organizadoras da Queima das Fitas se queixam de um certo desinteresse por parte da Câmara Municipal de Coimbra (CMC) para com aquela que é considerada a maior festa nacional dos estudantes.

Por regra a CMC cede o espaço e assegura os serviços essenciais para a realização das "Noites do Parque". De lamentar, no entanto, as dificuldades que levantou este ano.

Os concessionários das barracas, além da renda paga à Comissão Organizadora da Queima das Fitas (COQF) ,que oscilou entre os quatrocentos e oitocentos contos, viram–se uma segunda vez tributados em valores que foram de quarenta a sessenta contos pela CMC. Esta abordou os concessionários alegando que estes estavam a ocupar espaço de serviço público, situação que revoltou os concessionários, que não foram previamente informados. Instados a comentar, os responsáveis da COQF, informaram–nos ter conhecimento da cobrança desta taxa desde Fevereiro, à semelhança do que sucede todos os anos. Contudo, até aqui a taxa era revestida de um valor simbólico e paga pela própria comissão. Só que, este ano e ao contrário do que havia ficado assente nessa reunião de Fevereiro, a CMC revê a sua posição e estabelece a taxa de quotização de 2500$ por metro quadrado. Por isso a COQF só se disponibilizou a pagar metade do valor fixado pela Câmara.

O uso das barracas permanentes do Parque por pouco ia sendo comprometido, uma vez que as chaves das mesmas foram entregues tarde e a más horas, pouco antes do início da primeira noite do Parque, e só à custa de muita persistência e... alguns bilhetes gerais.

Outras dificuldades surgiram relativamente ao fornecimento de energia eléctrica.

A criação de estruturas que comportassem os gastos de energia que são feitos durante a Queima viu–se por diversas vezes comprometida ... pela incompetência dos funcionários.

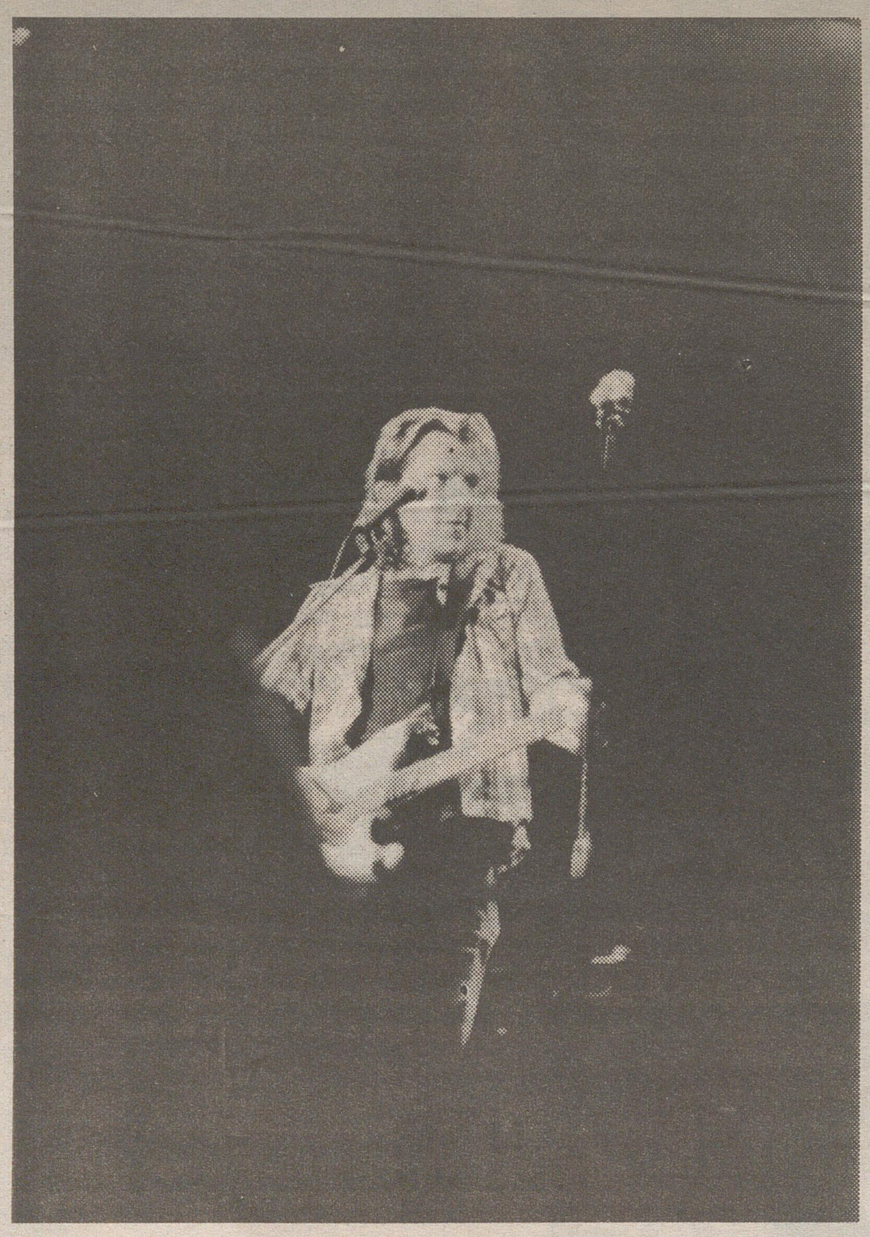
Quanto ao abastecimento de água, a CMC pautou–se por uma política inovadora. Atendendo à escassez de recursos naturais, nomeadamente água potável, decidiu–se por cortes sistemáticos durante a realização das noites do Parque. Se alguém teve sede, de duas uma, ou bebia água de cevada ou ia buscá–la ao rio.

Dizem as más línguas que este clima de tensas relações da CMC com a COQF se deve essencialmente ao facto do Presidente da Câmara, o Dr. Manuel Machado pretender desde há muito a deslocação da realização das noites do Parque para o Choupalinho, e a construção de um "Queimódromo" que seria fundamentalmente financiado pela COQF. Projecto esse que a ser levado a cabo implicaria não só a redução do espaço reservado à realização da Queima, como levantaria problemas em termos de segurança, pois Maio faz despontar em muitos estudantes a ilusão de que são tainhas, daí o já tradicional mergulho no rio, quantas vezes fatal .

Urge pois fazer uma nota de reconhecido apreço à CMC pela sua constante boa vontade, apoio e promoção da maior festa da cidade. Finalmente, não podemos deixar de elogiar a sua atitude altruísta de não perder a oportunidade de "meter a mão" nos lucros da Queima.

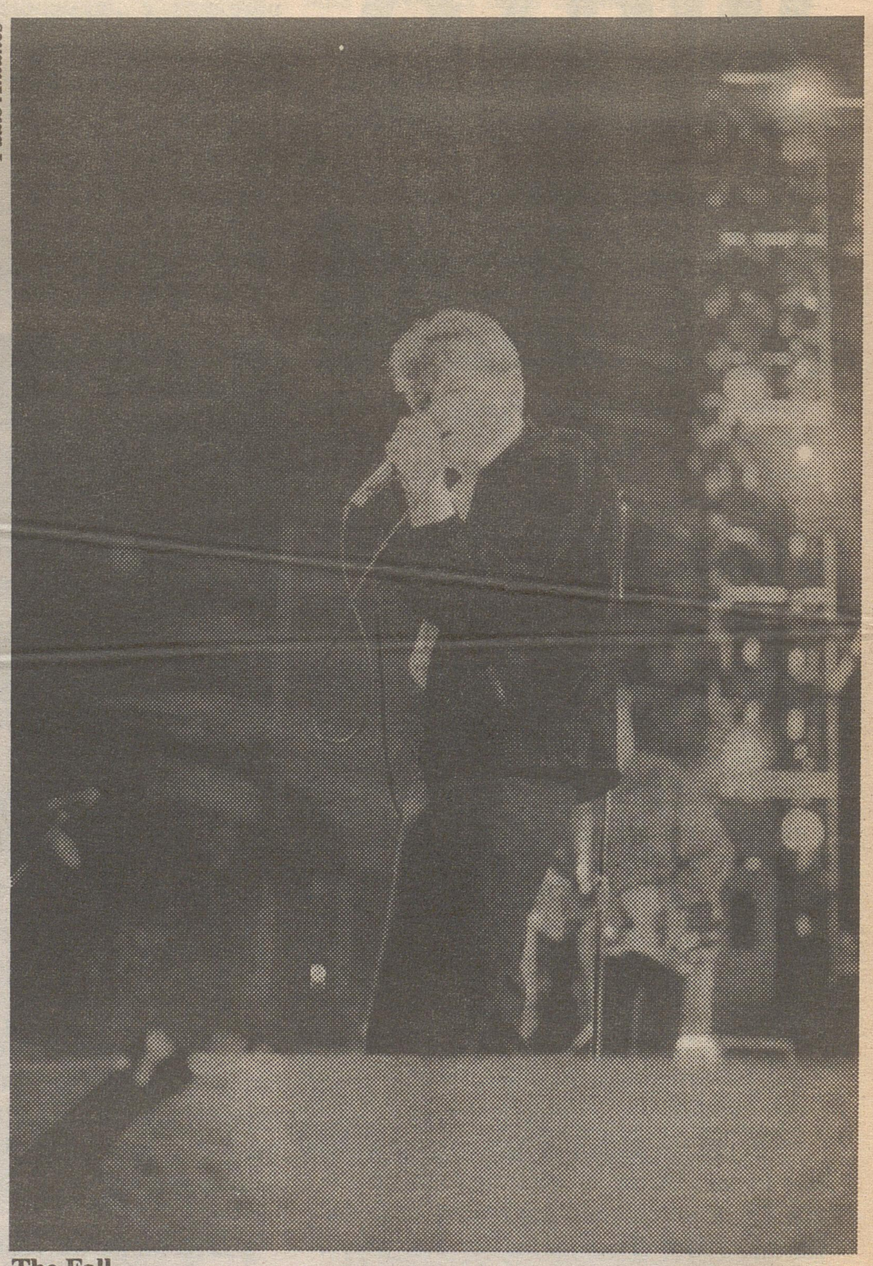
Carmen Hilário

Paulo Antunes



dEus

Paulo Antunes



The Fall

A Queima a caminho do culto

The Fall, Deus, Carter USM, Mão Morta, Tédio–Boys e tudo no mesmo ano? Afinal a quem se deve o Milagre?

É já do conhecimento público que a escolha das bandas que tocam nas noites do Parque é incumbida a uma empresa. Este ano, pela primeira vez, ficou encarregue a R&B. Trouxe–nos algumas bandas de culto para gáudio dos mais conhecedores mas bem à margem do conhecimento geral.

Injusto seria que a R&B levasse todos os louros do programa. É que o responsável pelas noites do Parque, Vitor Gonzâlez, não sendo um grande entendido musical, parece estar acima da média dos seus precedentes de comissões anteriores. A decisão de três bandas de Coimbra subirem ao palco em muito se deve a ele.

É claro que nem tudo está no caminho certo. As duas bandas de maior cachet foram Pedro Abrunhosa e os Big Country. Ao primeiro nem lhe reservo comentários, quanto aos segundos continuo a

Paulo Antunes



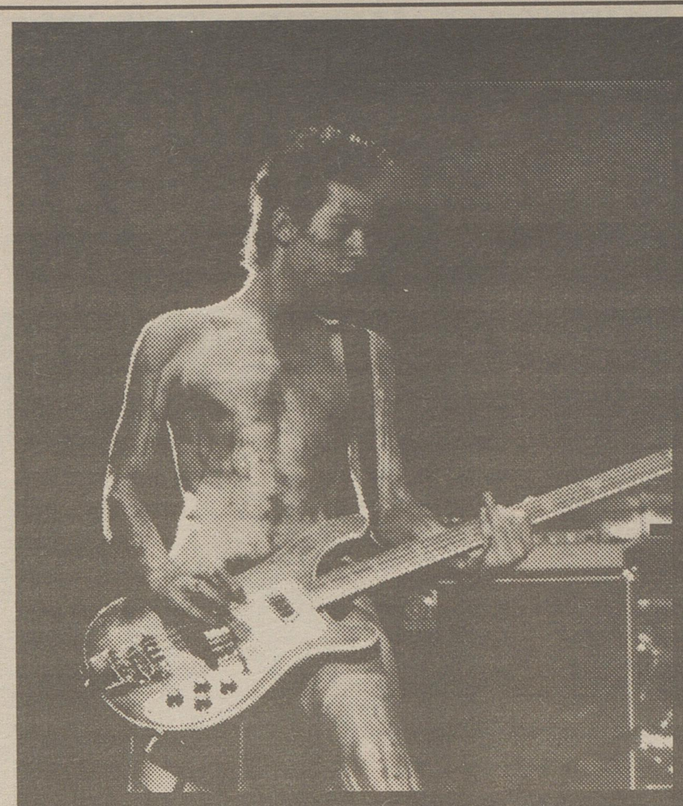
Adolfo Luxúria Canibal

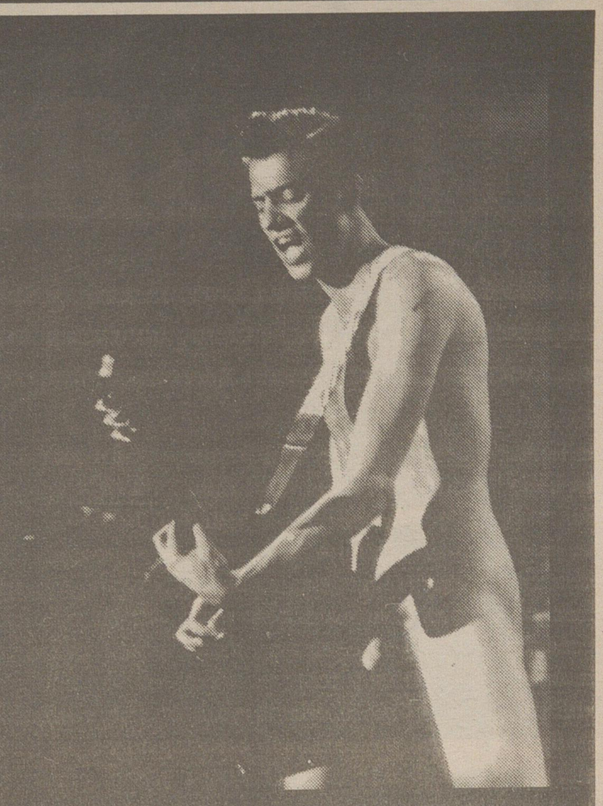
não perceber como é que aqui caem de pára–quedas bandas que há já oito ou nove anos deviam ter acabado.

A evitar de futuro: a ordem trocada às bandas e a substituição das mesmas só sabida no próprio dia.

Falta referir a controvérsia levantada pelo concerto dos Tédio–Boys. É que, se uns La Fura Del Baus são convidados para inaugurar Lisboa Capital Europeia com um espetáculo em que o nú é constante, não deveria ser Coimbra (a capital cultural!?!) a reprovar qualquer tipo de actuação, performance ou estado de espírito de um grupo. De lamentar, pois, o modo como alguns elementos da comissão organizadora reagiram ... fica, no entanto, uma palavra de apreço ao(s) elemento(s) dessa comissão que souberam remediar alguns comentários dos colegas, porque a queima não é uma festa para os papás e se alguma "estudantezinha" ficou sensibilizada com a actuação dos Tédio, nunca se esqueçam que normalmente, quanto mais púdicas ... mais púticas.

Paulo Antunes



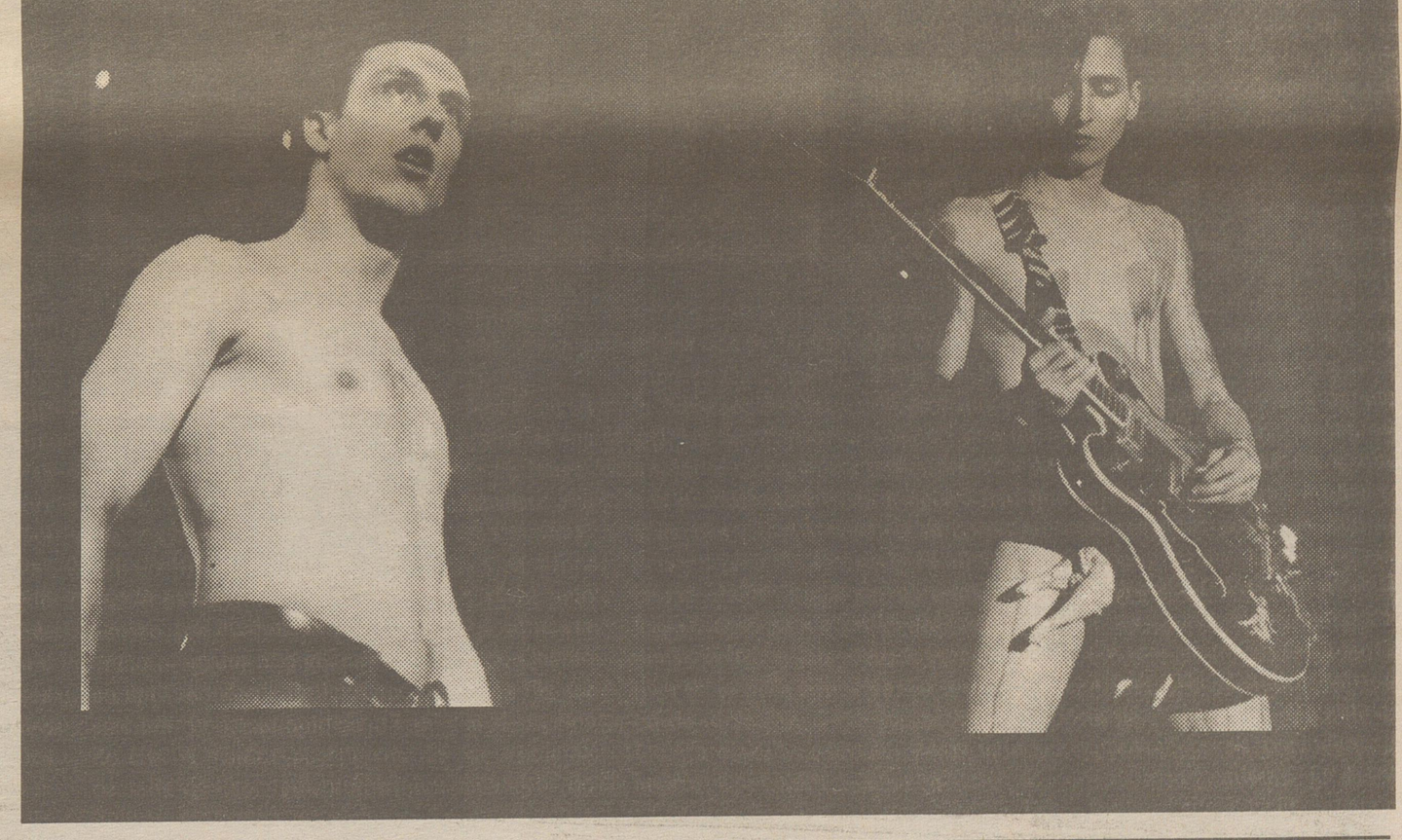


Tédio-Boys

Um espectáculo... Deve ser muito mais do que som.
Um espectáculo... Deve ser muito mais do que luz.
Um espectáculo... Deve provocar quem não gostou e ficar para sempre na memória de quem gostou.
Espectáculo... é quando se olha, para os "média" e estes não sabem o que dizer.
Espectáculo... é quando se olha, para os "média" e estes não sabem o que fazer.
Espectáculo... é sentir um grupo a tirar gozo do que faz.
Espectáculo... é ver uma Comissão Organizadora sem saber o que fazer. Espectáculo... é ainda existir quem não consiga "ver" mais que um simples pirilau.
Tédio é não ter uma banda assim todas as noites!

Adolf Fini

Fotos: Paulo Antunes



Casa
Umbe
Collants e Lingerie
Rua do Coruo 50 • Coimbra • Tel.:24554

José Afonso

Coimbra, a partir de seis de Junho, irá receber o Festival de Música José Afonso, que trará até nós nomes como a Brigada Vítor Jara, Fausto, os Tetvocal, os Trigo Limpo, o Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra, o Choral Poliphonico de Coimbra, o Grupo Vocal Ad Libitum, o Coro dos Pequenos Cantores de Coimbra e o Coro de Professores de Coimbra.

Este festival surge no âmbito de outros já realizados, o último data de há três anos atrás. A organização coube, uma vez mais, à Câmara Municipal de Coimbra e ao Teatro Académico de Gil Vicente.

De estranhar duas ausências no programa da Gala de Abertura, que conta com a participação de quatro coros da cidade de Coimbra, o Coro Misto da Universidade de Coimbra e o Orfeon Académico de Coimbra.

Erroneamente poderíamos ser levados a pensar que tal se devia ao não terem sido convidados ou ao esquecimento por parte dos estudantes desta Academia do papel nela desempenhado pelo Zeca.

Apurámos, no entanto, que os dois organismos autónomos da Associação Académica de Coimbra acima mencionados foram, efectivamente, contactados pela Dr.ª Teresa Alegre Portugal, vereadora do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra. Ao contactarmos responsáveis por estes organismos, foram vários os motivos apresentados que estiveram na base da sua decisão de não participação.

Desde logo, indignação face ao facto da Gala de Abertura do Festival, mais parecer o lançamento de um CD e a promoção de um grupo coral, o Coro dos Antigos Orfeonistas de Coimbra, do que propriamente uma festa em homenagem à nobre memória de José Afonso. O que parece ser comprovado ao atendermos, desde logo, à desigualdade de tempo de participação entre os coros que vão cantar e o dedicado à divulgação do conteúdo do CD, bem como ao destaque de que foi alvo na conferência de imprensa proferida na Casa Municipal da Cultura, a vinte e cinco de Maio. Onde, de forma ultrajante, os nomes do Coro dos Antigos Orfeonistas de Coimbra e do projecto em embrião da "Orquestra de Câmara da CMC" eclipsaram o do Zeca.

Foi–lhes depois solicitado, ao CMUC e ao OAC, a apresentação de quatro canções a um mês da realização do Festival. Actuariam, tendo apenas dois ensaios, um na véspera e outro no próprio dia, com aquela que se pretende venha a ser a mãe da "Orquestra de Câmara da Cidade de Coimbra". Esta orquestra virá a ser composta por uma massa disforme de vinte e dois músicos oriundos de todas as partes do país e será dirigida pelo Dr. Augusto Mesquita.

Na carta enviada ao Pelouro da Cultura da Câmara, pelos dois organismos, pergunta–se ainda o porquê de Adriano Correia de Oliveira não ser de igual forma evocado em momento próprio, a sua obra justificá–lo–ia.

Finalmente, deixa no ar a questão do porque é que a Câmara só agora, e muito oportunamente (para o Coro dos Antigos Orfeonistas da Academia de Coimbra), voltou a promover a realização do Festival Zeca Afonso.

Uma vez mais, a política cultural da CMC ficou aqui bem patente. Está em absoluto, desinteressada no investir de forma relevante na formação de novos valores. Mantém–se prodigiosa no desempenho do seu papel de especialista na construção de casas pelo telhado.

Carmen Hilário

3° FESTIVAL INTERNACIONAL DE MUSICA DE COIMBRA

PIANO! PIANO!

O Festival realiza-se de 7 a 14 de Julho de 1995 e pretende comemorar os 150 anos da passagem de Liszt em Portugal

Uma festa à volta do piano, lembrando os concertos e a estadia de Liszt em Portugal há 150 anos e a proposta que a Câmara Municipal e a Universidade de Coimbra, a Papagueno e Paulo Enes da Silveira, Director Artístico do Festival, apresentam este ano. A abertura do festival conta com o extraordinário pianista Edson Elias, que levou ao rubro as plateias de Coimbra nas ultimas edições deste Festival, interpretando o concerto para piano e orquestra n°l de Liszt, com a Orquestra Sinfónica do Estado da Lituânia dirigida pelo maestro Gintaras Rinkevicius. Vladimir Viardo, um dos grandes pianistas russos, de quem Alicia de Larrocha comentou "...é um tal extraordinário génio que eu ajoelhei–me perante ele e beijei–lhe as mãos", apresenta–se com um recital a não perder! O festival conta também com os jovens noruegueses Truls Mork, um dos maiores violoncelistas da nova geração, na companhia da pianista Anne Kaasa, um duo do qual guardamos na memória o excepcional concerto de encerramento da 1ª edição deste festival. A presença dos interpretes e compositores portugueses destaca–se pela especial participação de Jorge Peixinho, um dos maiores compositores contemporâneos portugueses, com um recital que fará a ponte entre o piano de Liszt até Peixinho, passando por Stockhausen e outros; na formação de quinteto estarão presentes excelentes intérpretes: o pianista João Paulo Santos e o Quarteto de Cordas de Lisboa. O encerramento deste Festival, sob o lema PIANO! PIANO! está por conta do popular e extraordinário Duo Pedro Burmester e Mário Laginha que num diálogo a dois pianos irão encantar e deixar na memória mais um belo momento musical.



Anne Kaasa

O Alto Patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura, os Patrocínios Institucionais da Câmara Municipal e da Universidade de Coimbra, do Instituto Português da Juventude/Secretaria de Estado da Juventude e da Região do Turismo do Centro, bem como os Patrocínios Oficiais da CENEL/EDP, da CIMPOR, da Seguradora Oficial Bonança, e uma longa lista de apoiantes, contribuem de forma decisiva para o êxito organizativo do festival.

Decorre na Casa–Museu Bissaya Barreto uma Master Classe de Piano, dirigida por Edson Elias, sucessor de Dinu Lipatti, Nikita Magaloff e Maria Tipo, na disciplina de Virtuosismo de Piano, fundada por Liszt no Conservatório de Genève. Esta tem acolhido alunos oriundos da Rússia, Ucrânia, China, Japão, África do Sul, Portugal, Itália, França, Dinamarca e Alemanha.

Músicos de Coimbra apresentam–se num concerto sempre muito popular: "A Noite de Coimbra".

Estarão patentes exposições "O Piano" e "Caricaturas de Liszt" vindas do Museu de Liszt na Hungria, através das quais se poderá testemunhar a extraordinária figura mediática que foi Liszt, como pianista. Uma conferência sobre o tema "A importância de Liszt na historia da música para piano", será proferida pela directora do Museu e Centro de Investigação de Liszt em Budapeste: a Dra. Maria Eckhardt. Durante o Festival decorrerá o Concurso "Jovens Músicos na Rua, com o festival de Música", onde jovens solistas e agrupamentos que se apresentarão em locais públicos, animando assim a festa da música que envolverá a bonita cidade de Coimbra.

Um óptimo pretexto para uma visita a esta cidade de cultura e ao seu Festival de Música!

PROGRAMA

7, Sexta–feira
Sessão Oficial de Abertura
Reitoria da Universidade de Coimbra
Participação Lírica de Inês dos Santos

Piano e Orquestra
21.45h - TAGV
Orquestra Sinfónica do Estado da Lituânia
Gintaras Rinkevicius, maestro
Edson Elias, piano
Wagner, Liszt concerto nº 1 para piano e orquestra, Tchaikovsky

8, Sábado
Piano Solo
21.45h - TAGV
Vladimir Viardo, piano
Shubert–Liszt, Liszt, Chopin, Debussy, Messiaen

9, Domingo
Piano Quinteto
21.45h - TAGV
João Paulo Santos, piano
Quarteto de Cordas de Lisboa
Shumann, Shostakovich

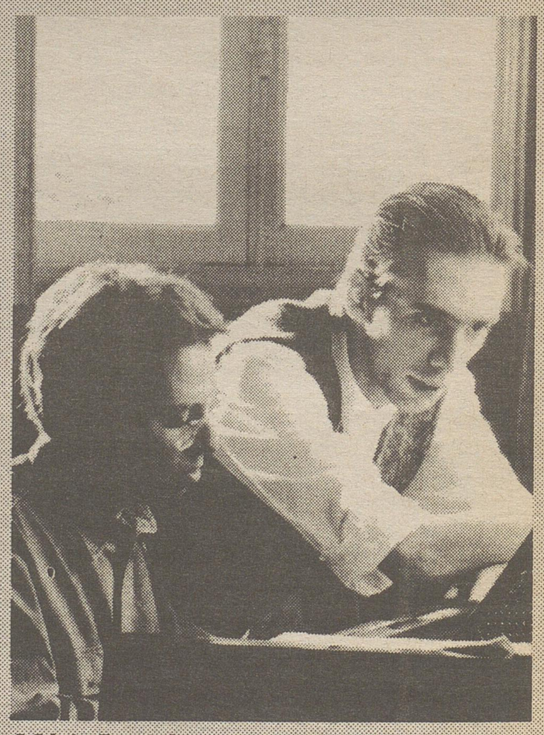
10, Segunda–feira
Conferência
18. h - Casa Municipal da Cultura
"A importância de Liszt na história da Música para Piano"
Drª Maria Eckhardt (Directora do Museu de Liszt em Budapeste)

11, Terça–feira
Piano Contemporâneo
21.45h - TAGV
Jorge Peixinho, piano
Liszt, Schonberg, Stockausen, L. Graça, C. Rosa, J. Peixinho

12, Quarta–feira
Noite Coimbrã
21.45h - Museu Machado de Castro
Instrumentistas e música de Coimbra

13, Quinta–feira
21.45h - Piano e Violoncelo
TAGV
Truls Mork, violoncelo
Anne Kaasa, piano
Beethoven, Prokofiev, Rachmaninov

Encerramento:Piano! Piano!
21.45h - TAGV
Pedro Burmester, piano
Mário Laginha, piano
Mozart - Busoni, Copland, Liszt, Ravel, S. Barber



Mário Laginha e Pedro Burmester

A INTERMINÁVEL LUTA PELO PLANETAXO

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR:

COMO DEVEM ESTAR LEMBRADOS VIGABANANÁRIOMAN FOI VÍTIMA DE UM BRUTAL ACIDENTE QUE O DEIXOU AINDA MAIS EMBRUTECIDO E VERBORREICO QUE O NORMAL.

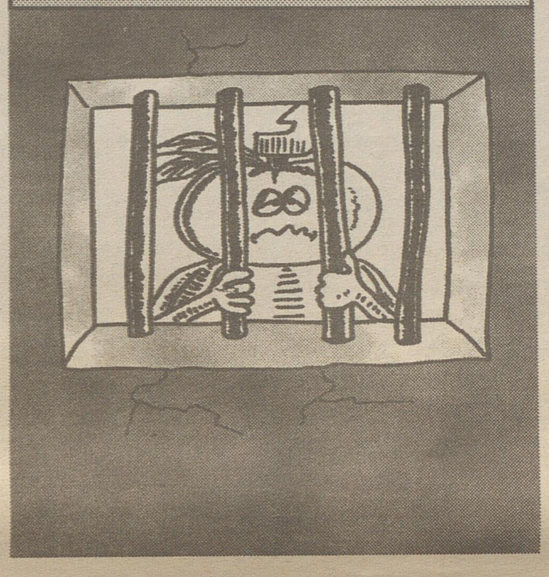
ROZHYTA E TWIAGO (GAIA)-LHAES ASSISTEM DE IMEDIATO O SEU AVOZINHO. A PRIMEIRA PARECE PREOCUPADA E O SEGUNDO TAMBÉM NÃO.



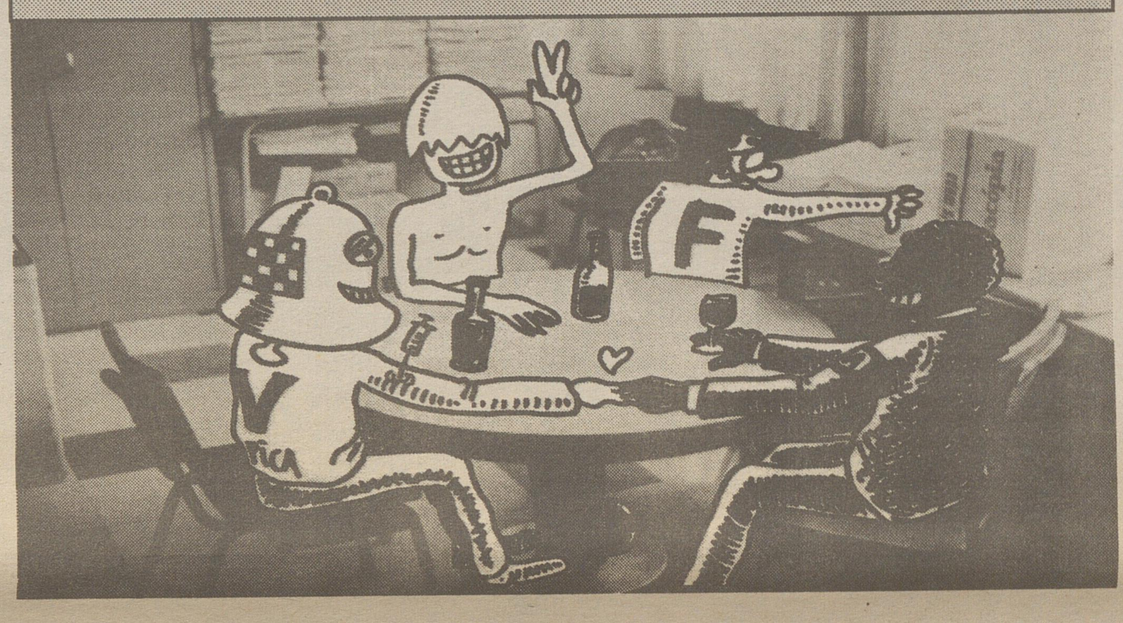
EIS QUE, SUBITAMENTE, SE DÁ A SEGUNDA GRANDE TRANSFORMAÇÃO POLITICOSUPERHERÓICA NA INVEJÁVEL, AUDACIOSA, QUICÁ MESMO, BIMBOSA VIDA DE VIGABANANÁRIOMAN QUE SE METAMORFOSEIA EM VIGAGAGÁMAN.



EVIDENTEMENTE, OS CRIMES NÃO FICAM IMPUNES! A JUSTIÇA EXISTE! MULHER-A-DIAS-LOUREIRO VEM, EM VIAGEM RELAMPAGO, ELE PRÓPRIO E EM NOME DA TRANSPARÊNCIA POLITICA PRENDER O SEU "ROOKIE" INUHNFREIRAS, PRINCIPAL SUSPEITO DO ATENTADO AO SUPER-HERÓI.



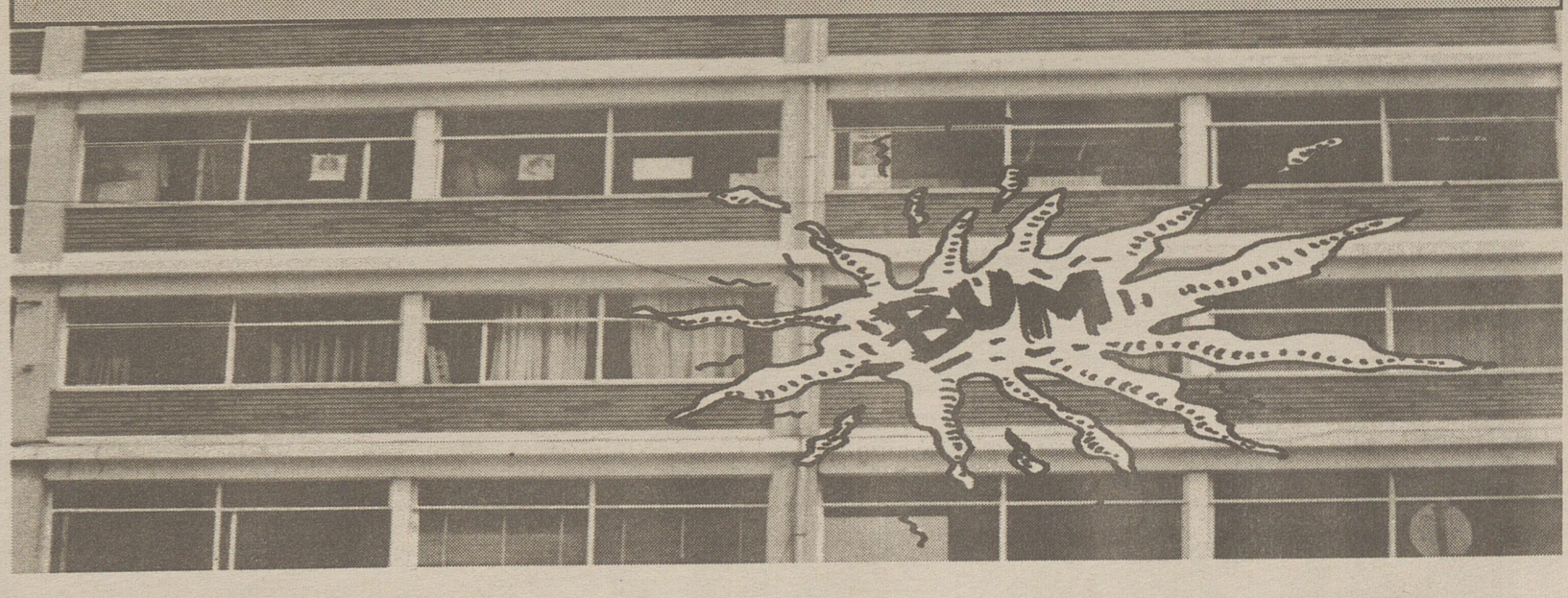
MAIS TARDE, NA SEDE DA FRENTE POPULAR ANTI-VIGABANANÁRIOMAN (FPA), FESTEJA-SE O SUCESSO DO GOLPE PLANEADO. TWIAGO AUTOELOGIA A BRILHANTE IDEIA DA FERRUGEM LARANJA COLOCADA NO POSTE, QUE LUDIBRIOU AS AUTORIDADES QUANTO AO AUTOR DO ATENTADO



AHA! MAS ÉS QUE NA PRÓPRIA SEDE DAS FPA SE ENCONTRA UM OBJECTO REDONDO, SEM ARESTAS,QUE FOI MATEMÁTICA E MAQUIAVELICAMENTE DEIXADO, UM DIA ANTES POR, INUHNFREIRAS VINGANDO-SE ASSIM, DE NUNCA TER SIDO CONVIDADO PARA A FRENTE.



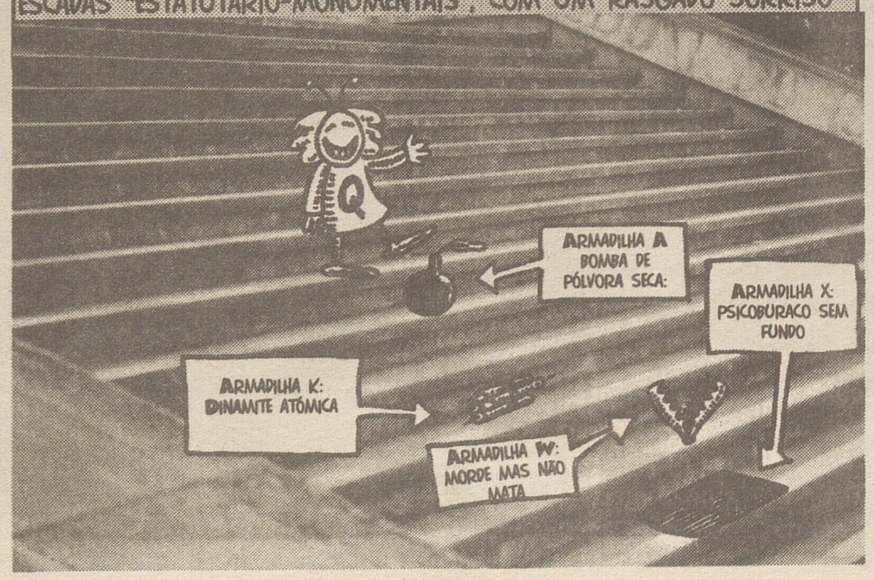
É UM MOMENTO TRISTE . TÃO AMIGOS QUE ELES ERAM! TÃO INSEPARAVEIS! TÃO TERNURENTOS UNS COM OS OUTROS! E PODEMOS MESMO GARANTIR, PRETO-NO-BRANCO, QUE DOIS DELES ATÉ ESTAVAM A PENSAR JUNTAR OS TRAPINHOS, TÃO COR-DE-ROSA ERA O SEU ROMANCE. SIM, PORQUE UM TERRORISTA TAMBÉM AMA!



ENTRETANTO, DEPOIS DE ALGUM TEMPO A VADIAR PELA CIDADE, VIGAGÁGAMAN INSTALA-SE NUM NOVO QUARTEL-GENERAL ONDE, DE CERTO, ENCONTRARÁ NOVOS APOIANTES.



DADO O VERTIGINOSO E INOCENTE PROCESSO ANIQUILATÓRIO CONCORRENCIAL POR NÓS ANTERIORMENTE RELATADO, ROZHYTA, DESCE DESCANSADAMENTE AS FAMIGERADAS (E CANSATIVAS COMO A MERDA) ESCADAS "ESTATUTÁRIO-MONUMENTAIS", COM UM RASGADO SORRISO



FIM (OU NÃO)?
SERÁ QUE HAVERÁ PRÓXIMOS CAPÍTULOS?
SERÁ QUE SOBRARÁ ALGUEM PARA O PLANETAXO?
SERÁ QUE A IMPRESSÃO DESTE CAPÍTULO JÁ É LEGIVEL?
SERÁ QUE TEMOS PACHORRA PARA CONTINUAR UMA BOSTA DESTAS?

ARGUMENTO: P. ANTUNES E J.P.T. BARATA.
DESENHO: J.P.T. BARATA.
FOTOGRAFIA: P. ANTUNES.
MAQUETAGEM: C. LOUREIRO E R. MATOS.

o cartoon do miguell



Académica conquista a Taça de Portugal em Rugby

Mais uma vitória da Secção de Rugby da A.A.C., frente ao Dramático de Cascais, traduzida no resultado de 5 - 3, numa altura em que se comemoram os 40 anos da sua existência.

Por decisão da Federação Portuguesa de Rugby, em homenagem aos 40 anos da secção, o jogo da final da Taça de Portugal do passado domingo dia 28 realizou–se a título excepcional nas instalações do estádio universitário.

Tendo início às18h, o encontro contou com a presença de cerca de 5 centenas de espectadores que tiveram o prazer de assistir a um jogo bem disputado, onde a Académica dominou na primeira parte, tendo o domínio da segunda pertencido à equipa do Cascais que, apesar disso, não conseguiu vencer.

O jogo foi dirigido pelo árbitro de Lisboa Mendes Silva.

Fundada em 1955, a Secção de Rugby da A.A.C. já por diversas vezes presenteou a nossa academia com vitórias importantes a nível nacional e internacional. De entre as quais se destacam:

1973 - Vencedor da taça de Portugal

1976 - Campeão nacional

1978 - Campeão nacional

1979 - Vencedor da taça de Portugal

1990 - Vencedor da taça de Portugal

Em 1962 fez a sua estreia em competições a nível internacional em Espanha, onde disputou um torneio com a Arquitectura de Madrid, tendo no ano seguinte conquistado o Troféu Federação Espanhola de Rugby.

Ao contactarmos com Manuel da Costa, mais conhecido no meio por Manuel da Quinta, antigo jogador, depois treinador e finalmente dirigente da Secção de Rugby, tomámos conhecimento de alguns pormenores curiosos relacionados com os primórdios do Rugby na A.A.C.. Manuel da Quinta que se refere ao Rugby como " um jogo de carroceiros jogado por gentlemen's ", contou–nos como eram rígidos os critérios de admissão de jogadores; e que esta modalidade era considerada como uma espécie de arte marcial e por isso só era permitida a sua prática a indivíduos de idade superior a 20 anos. Os maiores de 18 anos ainda teriam possibilidade se conseguissem autorização ministerial, para além da expressa autorização dos pais e outras burocráticas formalidades. A prática do Rugby ultrapassava o aspecto competitivo e assumia formas de contestação ao regime da altura.

O Rugby sempre foi encarado como um desporto onde o mais importante é o gosto pela sua prática, a prová–lo está o facto de a secção de Rugby da A.A.C estar aberta a todos os que gostam de jogar e não só aos mais dotados. "Esfarrapa–te por ganhar, não te esfarrapes por ter perdido" - eis a máxima dos jogadores de Rugby.

Actualmente a secção comporta as equipas de benjamins, infantis, iniciados, juvenis, juniores, seniores e equipa feminina (criada em 1987). Depois de militarem na 2ª divisão nacional e de terem ascendido nesta última época à 1ª divisão, estiveram na disputa do título até ao seu final.

Com a presente vitória a Secção de Rugby da A.A.C. viu o seu trabalho mais uma vez recompensado, continuando a ter um papel de relevo ao nível do desporto universitário e nacional.

Cibele Domingos/Carlos Barradas

Ginástica Campeã nacional

A Secção de Ginástica da AAC conquistou o título de campeã nacional da primeira categoria, na especialidade de pares mistos, através do par Ricardo Baptista/Filipa Vidal, no decurso dos Campeonatos Nacionais de Desportos Acrobáticos, que se realizaram de 6 a 7 de Maio em Arruda dos Vinhos.

A turma academista logrou ainda alcançar lugares de relevo dos quais se destacam:

2ª categoria - Trio Feminino Júnior - 3º Lugar: Alexandra Ribeiro, Fernanda Machado e Patrícia Fernandes;

2ª categoria - Tumbling Feminino Iniciado - 1º Lugar: Maria Santos;

2ª categoria - Tumbling Feminino Junior - 4º Lugar: Patrícia Fernandes;

3ª categoria - Trio Feminino Junior - 3º Lugar: Sofia Correia, Isabel Figueiredo, Joana Correia;

3ª categoria - Trio Feminino Sénior - 1º Lugar: Carla Couceiro, Joana Pereira, Paula Vital;

3ª categoria - Tumbling Feminino Iniciado - 1º Lugar: Ana Coutinho;

3ª categoria - Tumbling Feminino Junior - 2º Lugar: Alexandra Ribeiro;

3ª categoria - Tumbling Feminino Junior - 8º Lugar: Fernanda Machado;

3ª categoria - Tumbling Masculino Junior - 2º Lugar: Rui Barroso;

4ª categoria - Par Misto Junior - 2º Lugar: Rui Barroso, Ana Coutinho;

4ª categoria - Tumbling Feminino Junior - 4º Lugar: Isabel Figueiredo.

De notar que esta Secção vive momentos conturbados, fruto do conflito que se gerou com a Comissão Directiva do curso de Ciências do Desporto (ver A CABRA nº 19), e que a têm impedido, nomeadamente, de utilizar as suas instalações para treinar. Nem por isso os ginastas da Académica deixaram de dar boa conta de si.

S.A.I.R.

Serviços Académicos de Informação Recomendada

Frase do Mês

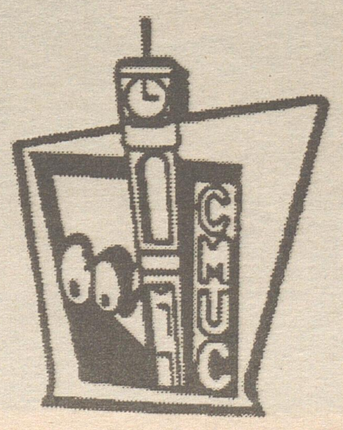
Desta vez não resistimos. Tinha que ser uma dele. Não é a dos 6% do PIB (já agora fiquem a saber que PIB quer dizer Produto Interno Bruto e é o "valor dos bens finais ou acabados produzidos em dado país durante um ano, menos o valor dos bens intermédios utilizados nesse ano e provindos de anos anteriores ou importados, mais o valor dos bens intermédios produzidos durante o ano e existentes no fim dele), mas uma outra proferida em Coimbra, no debate sobre Ensino Superior que a DG/AAC organizou.

Há muitos malandros no Partido Socialista

António Guterres, sobre o seu partido

Concurso para Jovens Músicos

Já estão abertas as inscrições para o concurso "Jovens Músicos na Rua", iniciativa inserida no 3º Festival Internacional de Música de Coimbra que irá decorrer de 7 a 14 de Julho de 1995. Quem quiser participar tem de se deslocar ao Conservatório e aí registar o seu desejo de concorrer. Um júri irá avaliar os candidatos com base nas interpretações que estes façam -a solo ou em grupo- em espaços públicos. Estas interpretações não podem ter uma duração inferior a sessenta minutos, embora possam existir pausas. Serão efectuadas durante o festival que este ano é dedicado aos 150 anos da passagem de Lizst em Portugal (ver página 22).



Coro Misto

Estão abertas as inscrições para o Coro Misto da Universidade de Coimbra. Dirige-te à sala do CMUC, no 4º Piso do edifício da Associação Académica.

Se gostas de cantar aproveita. De segunda a sexta, o Coro está à tua espera.